



Retábulos Capuchos da Província da Piedade

Ariadne Barreto Pignaton

**Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História da Arte
Portuguesa**

**Trabalho Efetuado Sob a Orientação de: Professor Doutor Francisco
Ildefonso da Claudina Lameira**

2014

Retábulos Capuchos da Província da Piedade

“Declaração de Autoria do Trabalho”

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.”



“Copyright”, Ariadne Barreto Pignaton: “A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

À Maria Laura, minha fonte de inspiração, minha força, minha vida.

Aos meus Pais, pelo apoio incondicional.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero deixar expresso os meus agradecimentos ao Professor Francisco Lameira, meu orientador, pela sua disponibilidade, pelos seus comentários e sugestões, sempre úteis para que eu procurasse o melhor caminho. A transmissão dos seus métodos de trabalho, a cedência de material e os comentários críticos foram fundamentais para a concretização desta dissertação.

Agradeço a colaboração de várias entidades e pessoas que me permitiram o acesso as igrejas para o registo fotográfico, a consulta de fontes arquivísticas, a leitura de textos manuscritos, essenciais neste trabalho, nomeadamente à Doutora Eugênia Alinho da Câmara Municipal de Portel e ao Doutor A. Póvoa Velez, proprietário do convento de Portel; à Senhora Engenheira Francisca Figo e Professora Marta Silvério da Universidade de Évora; a Doutora Luísa Calapes da Câmara Municipal de Redondo; à Câmara Municipal de Vila Viçosa e ao Doutor Carlos Felipe do CECHAP, em Vila Viçosa; ao Padre Coto, da Diocese de Évora e do Seminário da Quinta de Santo António da Piedade, em Évora; à Doutora Sara Jaques da Câmara Municipal de Borba; à Doutora Maria Miguens da Câmara Municipal de Estremoz; ao meu amigo Carlos Castro, estagiário na Câmara Municipal de Elvas; aos funcionários do Hotel Convento D'Alter; à Biblioteca de Évora; ao Arquivo Distrital de Faro e ao Arquivo da Casa de Bragança, em Vila Viçosa.

Agradeço, também aos meus amigos: Sílvia Machinho, Marlene Ramalho Furtado, Carla Sousa, Antenor Turassa e Andreia Fidalgo pelas diversas ajudas.

Finalmente, resta-me agradecer a todos os professores do mestrado pois sem eles nada disto seria possível.

Resumo

Apresenta-se, neste trabalho, um estudo monográfico sobre os retábulos existentes nos templos capuchos da Província da Piedade distribuídos no Alentejo e Algarve. O período de execução circunscreve-se entre 1702, data do exemplar mais antigo, e aproximadamente 1781, do exemplar mais recente. O objetivo principal deste estudo é identificar as características particulares dos retábulos dos conventos capuchos, como um conjunto, considerando que representam um panorama único da arte sacra em Portugal. Deste modo, o presente estudo permite conhecer um património singular, marcado por estilos e épocas que acompanhou com um ritmo próprio às inovações que se passavam no resto do país.

Abstract

This work presents a monographic study on the existing altarpieces in the capuchos temples of the Province of Piedade, distributed between Alentejo and Algarve. The execution period of these altarpieces dates from 1702 until 1781, corresponding to the date of the oldest copy up to the most recent one, respectively.

The main aim of this study was to identify the particular characteristics of these altarpieces, as an ensemble, considering that they represent a unique panorama of the sacred art in Portugal. As a result, it allows a singular knowledge of a heritage marked by time and different styles, reflecting the adjustments to the innovations which took place throughout the country, though at its own particular pace.

Palavras-Chave:

Retábulos, Capuchos, Província da Piedade.

Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	2
Introdução	5
1. A Província da Piedade.....	7
1.1. Organograma com o Desenvolvimento da Ordem Capucha.....	11
1.2. Mapa com os Conventos da Província da Piedade.....	12
2. Os Retábulos dos Conventos Capuchos.....	13
2.1. Localização.....	14
2.2. Encomenda.....	15
2.3. Cronologia/Periodização.....	16
2.4. Produção: <i>risco</i> , entalhe.....	21
2.5. Usos e Funções.....	23
2.6. Tipologia e Modelos Compositivos.....	24
2.7. Materiais.....	25
2.8. Conservação.....	26
3. Catálogo dos Retábulos Recenseados.....	28
3.1. Vila Viçosa – Planta do Convento (Rés-do-Chão)	29
3.2. Vila Viçosa – Retábulo da Capela-Mor.....	30
3.3. Vila Viçosa – Retábulos Colaterais.....	32
3.4. Vila Viçosa – Oratório da Sacristia.....	34
3.5. Borba – Planta da Igreja.....	37
3.6. Borba – Retábulo da Capela-Mor.....	38
3.7. Borba – Retábulos Colaterais.....	40
3.8. Estremoz – Planta da Igreja e Sacristia.....	42
3.9. Estremoz – Retábulo do Calvário.....	43
3.10. Évora – Planta da Igreja.....	45
3.11. Évora – Retábulo da Capela-Mor.....	46

3.12. Évora – Arco Triunfal.....	48
3.13. Évora – Retábulos colaterais.....	50
3.14. Alter do Chão – Planta da Igreja.....	52
3.15. Alter do Chão - Retábulo da Capela-Mor.....	53
3.16. Alter do Chão - Retábulos Colaterais.....	55
3.17. Alter do Chão – Retábulo.....	57
3.18. Alter do Chão – Retábulo.....	59
3.19. Redondo - Planta do Convento (Rês-do-Chão)	61
3.20. Redondo - Planta do Convento (1º Andar)	62
3.21. Redondo - Retábulo da Capela-Mor.....	63
3.22. Redondo - Retábulos Colaterais.....	65
3.23. Redondo – Retábulo.....	67
3.24. Redondo – Retábulo.....	69
3.25. Faro – Planta da Igreja.....	71
3.26. Faro - Retábulo da Capela-Mor.....	72
3.27. Faro - Arco Triunfal Retabular.....	75
3.28. Tavira – Planta da Igreja.....	78
3.29. Tavira – Retábulo da Capela-Mor.....	79
3.30. Tavira – Retábulos Colaterais.....	81
4. Conclusões.....	82
5. Bibliografia.....	88
6. Apêndice Documental.....	94
7. Apêndice Fotográfico.....	103

Introdução

Um dos objetivos desta dissertação, de Mestrado em História da Arte, é dar um contributo ao estudo dos retábulos em Portugal e colaborar com o desenvolvimento da investigação científica nessa área, que está pouco desenvolvida. Tendo em conta, que os conventos constituem elementos fundamentais da história portuguesa e, também, do desenvolvimento da arte em Portugal, é determinante “conhecer para valorizar e valorizar para proteger”. Deste modo, este é também um dos objetivos do estudo efetuado.

Os retábulos das igrejas dos conventos Capuchos da Província da Piedade constituem um conjunto relevante no contexto nacional que, ainda, não foram estudados e inventariados. Embora alguns destes retábulos possam já ter sido, eventualmente estudados, estes foram realizados como objeto isolado, não tendo sido feita, até hoje, nenhuma análise do conjunto.

Foram recenseados, neste trabalho, os retábulos que pertencem à antiga Província da Piedade localizada a sul do rio Tejo, os conventos estão distribuídos no Alentejo e Algarve.

O presente estudo é composto por duas partes distintas, mas complementares. A primeira apresenta a fundação da Província da Piedade, a seguir os aspetos relevantes, subjacentes a esta realidade, relacionados com os retábulos presentes nos templos desta comunidade religiosa. A segunda é um catálogo dos retábulos, apresentando-os tendo em conta a sua localização específica, começando nas igrejas e passando depois para as demais dependências dos conventos. Desta forma, foram apresentados respeitando a seguinte ordem: presbitério, arco triunfal, capelas colaterais, corpo, sacristia, e outras capelas próximas ao claustro. Para cada retábulo foi apresentada uma fotografia e uma ficha com comentários analíticos-descritivos, tendo em conta se tratar não apenas de uma obra escultórica, mas também de uma obra arquitetónica. Insere-se, também, a bibliografia específica respeitante a cada retábulo.

A maioria dos retábulos encontram-se nos seus locais de origem, embora muitos em mal estado de conservação, principalmente os executados em madeira. Os mais antigos subsistentes são: o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa e os retábulos colaterais do convento de Borba do século XVII (ver pág. 34 e pág. 40). Por sua vez, o mais

recente, é o retábulo colateral do convento de Tavira, mandado executar em 1781 por Diogo Nunes, um instituidor privado (ver. pág. 81).

Dar a conhecer as diversas realidades patentes neste acervo revelou-se fundamental, por isso, foi feita uma abordagem, com os seguintes aspetos: a localização; a encomenda; a cronologia/periodização; a produção: *risco*, entalhe; os usos e funções, as tipologias e modelos compositivos; os materiais e, finalmente, o estado de conservação.

Como metodologia principal, primeiro foi feito um levantamento bibliográfico e uma leitura exaustiva da mesma, que se iniciou com as fontes primárias revelando o desenvolvimento da Ordem Religiosa em Portugal e a identificação dos respetivos conventos. Após esta identificação, a investigação recorreu a estudos mais atuais que auxiliou na descoberta das igrejas dos conventos Capuchos que ainda possuíam os seus retábulos originais. Concretizados esses primeiros passos, a fase seguinte contou com o trabalho de campo, confirmando se os retábulos eram mesmo originais e a partir daí, foi realizado o registro fotográfico. A seguir procedeu-se ao levantamento exaustivo de mais bibliografia recorrendo principalmente, às fontes manuscritas.

Por fim, resta-me realçar a importância deste trabalho, visto que muitos destes retábulos já desapareceram e vários estão em muito mal estado de conservação ameaçando o desaparecimento.

1. A Província da Piedade

Os franciscanos chegaram em Portugal em 1216 através de Fr. Zacarias e Frei Gualter. A sua filosofia atraiu muitos fiéis, entre estes, nobres, Pontífices e Reis que os apoiaram, contribuindo para o desenvolvimento da ordem.

A província de Espanha estava dividida em três - Castela, Aragão e Santiago - os conventos franciscanos de Portugal estavam dependentes da província de Santiago, que era a mais próxima. Com o crescimento da ordem, “*que no final do século XIV já possuíam no reino vinte e seis conventos, dezassete de frades e nove de freiras*, o governo da custódia de Portugal passou a ser exercido separadamente, afirmando-se no século XV como independente, dando origem a província de Portugal.”¹

À semelhança de Cristo e dos seus apóstolos, os franciscanos levavam uma vida pobre onde excluía as posses e os bens, seguindo o Evangelho a letra e dependendo apenas de esmolas oferecidas pelos fiéis. Os primeiros conventos fundados revelavam o retrato da evangélica pobreza. Porém, devido ao grande apoio que receberam, corromperam-se renunciando à pureza dos ideais e construíram conventos de grandes dimensões e riquezas, recebendo a denominação de “*Franciscanos Conventuais ou claustrais*”. Contra o modo de vida dos “*Conventuais*”, surgiram em Itália algumas correntes, entre estas, os “*Franciscanos Observantes*”, que queriam seguir na íntegra a regra de São Francisco. A Regular Observância entrou em Portugal em 1392 através dos monges de Santiago de Compostela fundando o primeiro convento em Viana do Castelo num lugar tranquilo apropriado à vida contemplativa. No início eram administrados pelos Conventuais, porém, com receio que desaparecesse a pureza da regra e para solucionar os conflitos existentes, o papa Eugênio IV em 1446 permite que estes passem a eleger os seus próprios vigários, tornando-os independentes. Consequentemente, Portugal foi dividido em duas províncias: a de “*Portugal da Regular Observância e a Província de Portugal dos Claustrais*”.²

¹ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol. I e II. Lisboa, Livraria Civilização, 1967-1971, p.p. 331-332.

² Fortunato de Almeida, *op. cit.*, p.p. 332-333 e p. 144.

Os Franciscanos Observantes, repetindo o erro dos Franciscanos Conventuais, não conseguiram manter as regras do seu fundador deixando-se corromper pelos apoios que não eram modestos.

A regra de São Francisco desfaleceu-se dos seus rigores obrigando que houvesse outra reforma para corrigir inadvertências que o tempo foi introduzindo. Germinaram diversas reformas com estilos e nos nomes diferentes, consoante os fundadores e os lugares onde tiveram origem, porém, muitas desapareceram, resistindo, apesar das dificuldades encontradas, a Congregação do Santo Evangelho com o nome de Capucho “*plantada nas duas Estremaduras de Portugal e Castella e fonte donde dimanarão quasi todas as Procincias Capuchas da Ordem; sendo entre ellas a primeira, e mais antiga*”, a da *piiedade*.³ O seu fundador foi Frei João de Guadalupe cujo objetivo era observar o Evangelho a letra e ter como lema a pobreza e a humildade.

Frei João de Guadalupe conseguiu do Padre Alexandre VI “*um Breve, em 05 de setembro de 1496*” que aprovava a reforma no seio da ordem religiosa. Ele e seus companheiros entraram no reino de Granada vestidos com hábitos remendados, estreitos, cingidos com uma corda grossa e com capuzes agudos (como o de S. Francisco) e pés descalços.⁴ Os sermões que pregaram tiveram muita aceitação por parte dos fiéis e foi desta forma, que receberam a denominação de frades Capuchos.

Num ano de pregação em Granada, Frei João de Guadalupe não obteve apoio suficiente para fundar conventos partindo para Castela, onde era estimado. Em Castela conseguiu doações de terras, porém, foi impedido pelos padres Observantes de fundar conventos e passou a ser perseguido pelos mesmos. Desiludido, voltou a Roma e conseguiu “*outra breve em 25 de julho de 1499*”, que lhe dava permissão para edificar casas religiosas e licença para receber sem limites quantos frades a ele quisesse agregar.⁵ Em Roma juntou-se ao Frei Pedro de Melgar e unidos “*com o mesmo espírito*” e ideais fundaram os primeiros conventos, em Vila Nova de Fresno (Estremadura) e Trujillo (atualmente Província de Cáceres), criando assim, duas custódias: a custódia do Evangelho

³ Frey Manoel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capvcha de Toda a Ordem & Regvlar Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal, e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Megestade, 1696, p.2.

⁴ *Idem, ibidem*, p.9.

⁵ *Idem, ibidem*, p.18.

administrada por Frei Juan de Guadalupe e a custódia da Luz administrada por Frei Pedro de Melgar.⁶

Com intuito de arranjar patrocínio os dois Freis Capuchos viajaram para Lisboa onde encontraram D Jaime, Duque de Bragança. “*Vinha elle a cavallo com grande acompanhamento de Fidalgos, e criados, que o seguião; e quando vio os dous Capuchos, como quem se maravilhava de ver tal novidade, fez deter a gente, e parou hum pouco, considerando a penitencia, que no exterior mostravam. Pés descalços, hábitos remendados, e curtos, capellos agudos, olhos no chão, braços recolhidos, tudo notava o piedoso Principe*”.⁷ Os frades revelaram o motivo que os levou a Portugal. O Duque D. Jaime disse-lhes *eu vos tomo à minha conta* encontrarão sempre em mim *hum afetuoso patrocínio* e ofereceu-lhes uma casa em Vila Viçosa.⁸ Frei João escolheu o lugar para edificar o edifício onde já existia uma antiga ermida dedicada a Nossa Senhora da Piedade. A primeira pedra foi lançada em 1500 e o convento foi evocado a Nossa Senhora da Piedade respeitando a ermida que já ali existia.

Com os prósperos sucessos que vinham tendo os Capuchos e a reforma que esses implantaram, faziam-lhes crescer o número de adeptos o que levou a Província de Santiago ir-lhes contra e os perseguir. Os padres de Santiago afirmavam que o modo de vida daqueles frades perturbavam a paz e a união da ordem e que se eles não extinguissem, haveriam inquietações e escândalos. Assim, os Reis passaram “*Provisões as suas justiças*” mandando prender todos os Capuchos e mantendo-os na Província de Santiago, de onde a maior parte deles tinham saído.⁹

Frei Pedro de Melgar e Frei João de Guadalupe conseguiram libertar os frades mas, as perseguições prosseguiram obrigando-os a refugiarem-se em Portugal.

Diante das dificuldades, em 1508, Frei Pedro de Melgar reúne-se em Évora com o Rei D. Manuel, o Duque de Bragança D. Jaime e o ministro Geral dos Observantes, onde consegue um alvará extinguindo as custódias da Luz e do Evangelho, criando, desta

⁶ Frey Manoel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capvcha de Toda a Ordem & Regvlar Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal, e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Megestade, 1696, p.23.

⁷ *Idem, Ibidem*, p.28.

⁸ *Idem, Ibidem*, p.29.

⁹ *Idem, Ibidem*, p.45.

forma, a Custódia da Piedade, que recebe esse nome devido à sua casa mãe, o convento de Vila Viçosa, ser dedicado a Nossa Senhora da Piedade.

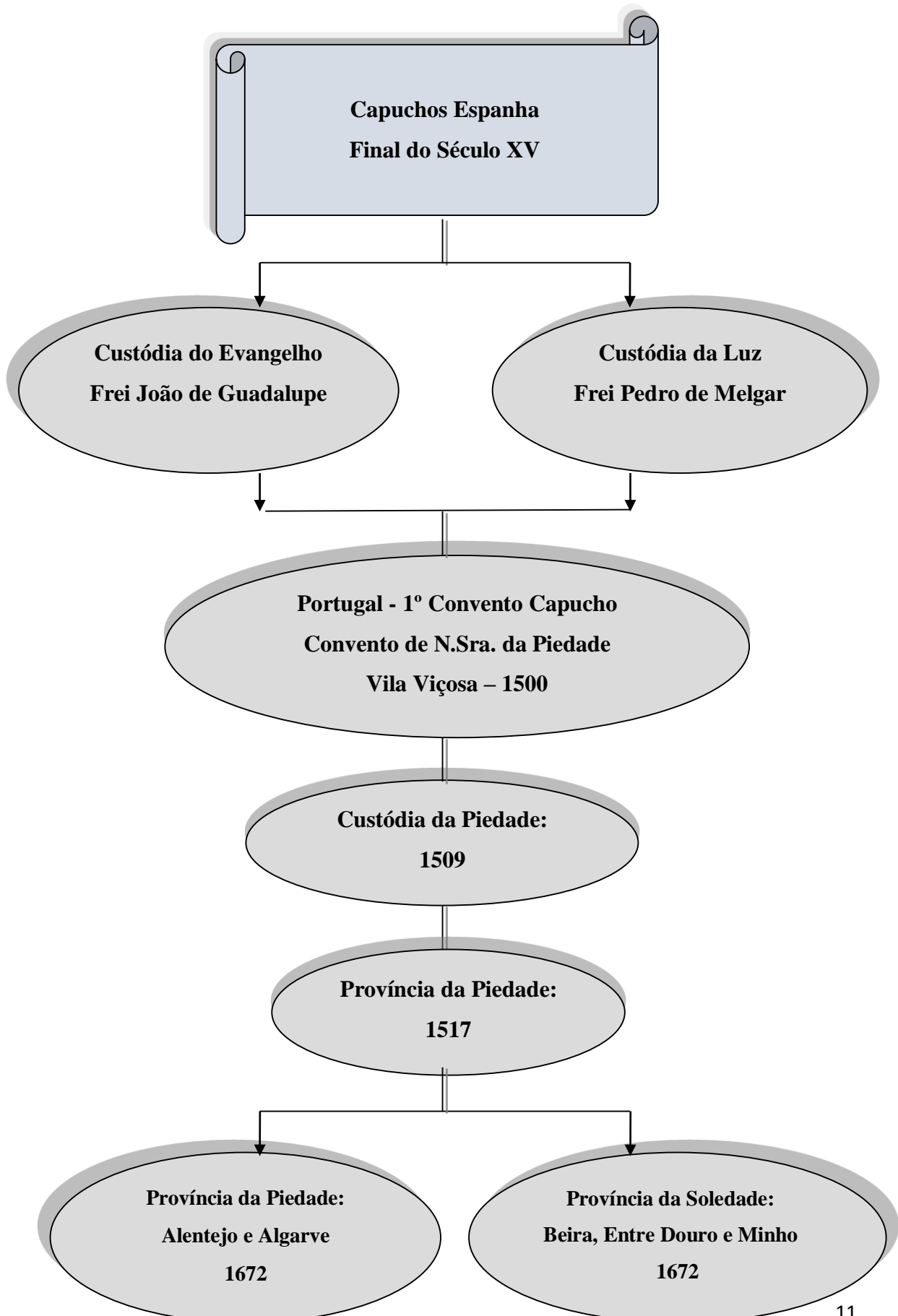
Protegidos pelo Duque de Bragança D. Jaime, conseguiram “em 1509 uma Breve do Papa Júlio II” oficializando a ordem que em 1517 de custódia da piedade é elevada a Província da Piedade.¹⁰

O crescimento da Província da Piedade originou uma enorme família religiosa. Devido ao número elevado de conventos e das dificuldades administrativas a Província viu-se obrigada a dividir-se, demarcando o território através da linha do Tejo. Os conventos do Alentejo e do Algarve continuaram na Província da Piedade os da Beira e de Entre Douro e Minho passaram a constituir uma nova Província, a da Soledade.¹¹

¹⁰ Frey Manoel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capvcha de Toda a Ordem & Regylar Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal, e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Megestade, 1696, p.116-117 e 127.

¹¹ Padre João Bautista de Castro, *Mapa de Portugal, Antigo e Moderno*, Tomo Segundo, parte III e IV. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXIII (1763), p.p.116-117.

1.1. Organograma com o desenvolvimento da Ordem Capucha



1.2. Mapa Com os Conventos da Província da Piedade



2. Os Retábulos dos Conventos Capuchos

2.1. Localização

Os retábulos principais localizam-se na capela-mor, nas igrejas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade ocupam toda a parede testeira da capela principal, preenchendo todo o espaço disponível.

Devido ao elevado número de obrigações de missas diárias, os retábulos secundários são frequentes em todas as Igrejas, assim como, nas igrejas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade. Os retábulos secundários, ou retábulos colaterais, surgem, maioritariamente, em número par, são iguais entre si e localizam-se, frequentemente, em cada um dos lados do arco triunfal, ocupando parcialmente a parede do frontispício. Numa situação restrita, estes retábulos interligam-se através do revestimento do arco cruzeiro, o que dá origem ao arco triunfal retabular do qual é apresentado como exemplo o caso do convento de Faro (ver pág. 75). Um outro caso, igualmente singular, é o arco triunfal da igreja do convento de Évora que preenche o intradorso do frontispício da nave, fazendo parte de um conjunto com os retábulos colaterais que se localizam em capelas na nave (ver pág. 48). Outro caso particular a destacar, são os retábulos da igreja do convento de Tavira que estão dispostos de forma oblíqua nos cantos do frontispício da nave (ver pág. 81).

Verifica-se que é rara a existência de retábulos situados longe do arco triunfal, assinalando-se, apenas, a igreja do convento de Alter do Chão, onde há um retábulo numa capela lateral no meio da nave (ver pág. 57) e outro numa capela por baixo do coro alto (ver pág. 59), localizados no lado da Epístola.

Dos oratórios das sacristias, subsistiram o do Convento de Vila Viçosa, que se encontra sobre o arcaz (ver pág.34) e, também, na sacristia do Convento de Estremoz existe um retábulo pintado (ver pág. 43).

Por último, há que referir os retábulos de terracota e argamassa, localizados no claustro, que eram muito frequentes nos conventos Capuchos. Quase todos os claustros apresentavam quatro retábulos dos quais se aponta como exemplo o retábulo do convento de Elvas (ver apêndice fotográfico pág. 111, figura 24) e o do convento de Vila Viçosa (ver apêndice fotográfico pág. 106, figuras 5 e 6).

2.2. Encomenda

O ducado de Bragança foi instalado em Vila Viçosa, em 1422 por D. Fernando, o segundo duque de Bragança. Com D. Jaime (1478-1532), o quarto duque de Bragança, herdeiro do trono em 1498, constrói-se, em 1500, o primeiro convento Capucho nesta mesma vila. Com as seguintes palavras, D. Jaime torna-se donatário dos Capuchos: *eu vos tomo à minha conta encontrarão sempre em mim hum afetuoso patrocínio*.¹² O primeiro convento construído era dedicado a Nossa Senhora da Piedade, que deu o nome a província. A Província da Piedade floresceu até 1672, possuindo, nesta época, quarenta e um conventos e dois hospícios, um em Cabo Verde e outro instalado no palácio do Duque de Cadaval, em Lisboa (ver apêndice fotográfico pág. 121, figuras 47 e 48). Com o crescimento, a província divide-se, tendo o rio Tejo como delimitação, ficando a província da Soledade com os conventos de entre Douro e Minho e a Província da Piedade com os conventos do Alentejo e Algarve.

Os Capuchos da província da Piedade, que é a que nos interessa tratar, beneficiavam da proteção régia, dos Duques de Bragança, e eram governados por um ministro provincial e conduzidos por um comissário que prestava informações ao provincial. As suas igrejas possuíam os equipamentos litúrgicos necessários, especialmente os retábulos, que eram complementados por diversas modalidades artísticas como: pinturas figurativas, imagens de vulto ou de roca, ornamentação em talha dourada, painéis de azulejo, entre outras. Os documentos que fazem referência à encomenda destas obras são restritos, sabe-se que eram realizadas pelo provincial e patrocinadas por esmolas doadas pela Casa de Bragança; pela sociedade civil, neste caso ordem terceira, ou por privados.

As ordens terceiras eram abrangidas por grande parte da população, desde os mais abastados aos mais pobres, a religiosidade era o seu principal componente, que era transmitida em cultos realizados nas igrejas em retábulos da sua administração, como por exemplo, o Santíssimo Sacramento, que representa a apoteose da eucaristia. Os privados eram grupos privilegiados com muitos recursos financeiros, que podiam ser elementos pertencentes ao clero ou a sociedade civil, o rei assumia um papel relevante, pois subsidiava capelas onde era protetor.

¹²Frey Manoel de Monforte – *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capvcha de Toda a Ordem & Regvlar Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal, e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Megestade, 1696, p.29.

Por fim, é pertinente citar alguns documentos que fazem referências a estas encomendas como é o caso do documento de 1780, *Col. Manizola*, Cód. 481, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo* da Biblioteca de Évora, que refere uma grata esmola doada pela Casa de Bragança (ver anexo documental pág. 96, Doc. 2); outro documento é o 013 – 1665-1868, *Registo de Documentos do Tombo de inventários de conventos no Algarve – Santo António dos Capuchos de Tavira*, DFDGAR/149 – C, do Arquivo Distrital de Faro, que menciona um legado de 8000 Réis, deixado por Diogo Nunes, para o fabrico do Altar da Conceição, no convento de Tavira (ver apêndice documental pág. 98, Doc. 3) e o documento avulso 43, do Arquivo do Cabido da Sé de Faro, presente na obra *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime* de Francisco Lameira, onde consta, que *o Cabido da Sé de Faro deu de esmola, no dia 27 de setembro de 1747, 4\$800 réis para concluir o douramento do arco-triunfal retabular do convento de Faro.*¹³

2.3. Cronologia/Periodização

Os Capuchos da Província da Piedade, conforme as alterações realizadas nos seus conventos, substituíam os retábulos, assimilando as inovações estéticas que iam surgindo em Portugal. Estas alterações e, conseqüente substituição dos retábulos, eram efetuadas consoante algumas necessidades como: ampliação dos conventos, degradação dos conventos, as destruições causadas pelo terremoto de 1755 e, por vezes, devido à disponibilidade financeira, alteravam os retábulos indo ao encontro do perfil dos seus responsáveis. A maioria dos retábulos apontam para uma cronologia que corresponde à segunda metade do século XVIII, estando, em alguns casos, relacionada com obras pós terremoto.

A seguir serão apenas apresentadas as conjunturas artísticas presentes nos retábulos dos Conventos Capuchos da Província da Piedade, identificando os elementos formais mais significativos.

¹³ Francisco Lameira, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000, p.156.

Protobarroco

O protobarroco é um período que vigorou no segundo e terceiro quartéis do século XVII. Foi um período em que o retábulo se afirmou como uma das mais eloquentes modalidades artísticas no mundo português.

Nesta época assistiu-se a várias transformações, como o abandono dos retábulos narrativos e a preferência pelo culto a um único tema e a devoção às relíquias. Surgiram também, os primeiros retábulos eucarísticos, ou seja, destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Houve uma valorização da linguagem escultórica deixando a pintura figurativa de ser predileção.

Os retábulos devocionais a um único tema adotaram composições de corpo único e um só tramo. São apontados como exemplo os retábulos colaterais da Igreja do Convento Capucho de Nossa Senhora da Consolação de Borba, apesar de estes terem sido remodelados no intercolúnio (ver pág. 40).

Os retábulos relicários incorporaram diversos nichos ou lóculos destinados à exposição de relíquias, como ocorre no oratório da sacristia do Convento Capucho de Vila Viçosa (ver. pág. 34).

Como se pode observar nestes dois exemplos, a planta mais utilizada no protobarroco foi a plana e as colunas eram de fuste liso, ornamentado e diferenciado no terço inferior (ver apêndice fotográfico pág. 105, figura 4 e pág. 107, figura 9).

Barroco Pleno

Esta fase artística começa no último quartel do século XVII e prolonga-se até os princípios do século XVIII. Teve grande aceitação em Portugal, sendo o material mais utilizado a madeira entalhada e dourada.

Apesar do aparecimento das plantas dinâmicas, todos os retábulos dos Conventos Capuchos da Província da Piedade desta conjuntura apresentam plantas planas, como o retábulo-mor do convento de Faro (ver. pág. 72).

A utilização da tribuna ou camarim central passa a ser dominante nesta época, não apenas nos retábulos eucarísticos.

As colunas torsas com seis ou sete espiras – com a garganta do fuste totalmente preenchida com cachos de uvas, parras, fénix, entre outros – são as mais escolhidas,

apontando-se como exemplo as colunas do retábulo da capela-mor do convento de Borba (ver apêndice fotográfico pág. 107, figura 8).

Os nichos, com uma leve concavidade, são emoldurados por pilastras e arquivoltas plenas, onde se expõe as representações escultóricas, como nos retábulos colaterais do convento de Vila Viçosa (ver pág. 32).

As soluções utilizadas no ático são os arcos plenos e concêntricos (salomónicos), que rematam as colunas e que são cortados transversalmente por aduelas, apresentando uma cartela central conforme o retábulo-mor do convento de Vila Viçosa (ver pág. 30).

A ornamentação em alto-relevo expande-se por todo o retábulo, onde a folhagem de *cardo* predomina (ver apêndice fotográfico pág. 105, figura 3 e pág. 107 figura 7).

Barroco Final

Fase que vigora durante o século XVIII, entre, aproximadamente, 1713 e a segunda metade deste século. Teve como origem as novidades vindas de Itália e de França. Estas inovações estéticas foram promovidas pelas elites mais eruditas, que tinham contacto com os principais centros artísticos europeus. Por não haver grande aceitação popular, em relação a estas inovações, as soluções da fase anterior continuaram a vigorar, sendo atualizadas com algumas novidades.

As plantas surgem mais dinamizadas e a perspectiva convexa, também, passa a ser utilizada com alguma frequência.

As tribunas (ou camarins) deixam de ser tão profundas, assim como os nichos, que expõem as representações figurativas em mísulas. Estes nichos são rematados por dosséis e, por vezes, apresentam cortinados repuxados lateralmente, como ocorre nos retábulos colaterais do convento de Faro (ver pág. 75).

As colunas torsas passam a ter uma grande diversidade de ordens arquitetónicas e adquirem um perfil diferente. Porém, ainda se utiliza colunas idênticas às da fase anterior alterando apenas os ornatos, nomeadamente, flores e elementos vegetalistas. Apresenta-se como exemplo as colunas dos retábulos colaterais do convento de Faro (ver apêndice fotográfico pág. 112, figura 27).

Para além dos dosséis com cortinas que aparecem como elementos inovadores, o ático também desempenha um papel característico, pois apresenta-se dinâmico e cenográfico.

O mesmo ático pode apresentar um frontão de perfil recortado ao centro e, nas ilhargas, segmentos de frontões.

No que diz respeito à ornamentação, regista-se o uso de elementos figurativos em relevo a cobrir todo o espaço disponível e elementos vegetalistas, como grinaldas de flores, entre outros. Estas características verificam-se no retábulo do convento de Faro (ver apêndice fotográfico pág. 112, figura 28).

O material predominante é a madeira entalhada e dourada.

Tardobarroco e Rococó

Conjuntura artística que começa na segunda metade do século XVIII e que se prolonga até ao seu final.

Assiste-se à coexistência de duas linguagens. O Rococó de origem franco-alemã, que dá continuidade a uma expressão castiça e o Tardobarroco – com origem no Barroco setecentista italiano – que entra em rutura com um longo ciclo em que a talha relevada e crespa, maioritariamente dourada, se afirma desde o protobarroco.

Os materiais pétreos passam a ser mais utilizados, particularmente na região do Alentejo, onde o mármore é abundante. Como exemplo apresenta-se os retábulos do convento de Redondo e os retábulos do convento de Alter do Chão (ver pág. 53, pág. 55, pág. 57, pág. 59, pág.63 e pág. 65).

A utilização da talha dourada ainda se mantém, como ocorre nos retábulos do convento de Évora (ver pág. 46 e 50), contudo, são frequentes as superfícies lisas com policromia a fingir pedraria, indicando-se como exemplo os retábulos colaterais do convento de Tavira (ver pág. 81).

As plantas aparecem muito dinâmicas, por vezes, o mesmo retábulo apresenta a perspetiva côncava e convexa como os retábulos do convento de Alter do Chão (ver pág. 57 e pág. 59).

Assiste-se a uma grande modernização que entra em rutura com uma tradição secular. Consequentemente, verifica-se a destruição de princípios compositivos, como os embasamentos e os áticos, que apresentam soluções inéditas, e as ordens arquitetónicas, que em alguns exemplares são difíceis de identificar pois confundem-se com os ornatos. As ordens arquitetónicas apresentam várias soluções: colunas com fuste liso (ver apêndice fotográfico pág. 109, figuras 14 e 18 e pág. 110, figuras 20 e 21), colunas de

fuste torso ornamentadas com uma grinalda de flores na garganta (ver apêndice fotográfico pág. 108, figura 10), pilastras compósitas, entre outras.

O ático apresenta soluções diversificadas, como segmentos de frontões recortados e sinuosos, exemplificadas pelo retábulo do convento de Alter do Chão (ver pág. 53).

A ornamentação Rococó apresenta, entre outras características, formas auriculares, elementos vegetalistas assimétricos, flores diversas e os concheados aparecem como componente principal (ver apêndice fotográfico pág. 108, figura 11, 12 e 13).

O Tardobarroco desvaloriza os ornatos, apresentando-se de forma muito sóbria, exemplificado pelos retábulos colaterais do convento de Tavira (ver pág. 81).

Neoclassicismo e Revivalismos

Esta fase surge no penúltimo quartel do século XVIII e prolonga-se até à primeira metade do século XX.

Entra-se num período decadente em que a maioria da clientela dá preferência aos retábulos com menos custos. Retomam-se modelos do passado, de forma empobrecida, revelando, desta forma, uma sociedade conservadora.

Alguns clientes, mais abastados, conservam nos gostos estilísticos as influências italianas com um carácter erudito e majestoso.

A escolha da madeira continua a ser preferencial, mas utiliza-se também e com alguma frequência a alvenaria estucada e pintada, devido ao facto de serem materiais monetariamente mais acessíveis.

Os retábulos gradualmente vão deixando de ocupar todo o espaço disponível.

As plantas dinâmicas são raramente utilizadas, predominando o uso das planas.

Há muita diversidade nos elementos arquitetónicos, variando de acordo com o modelo compositivo. Nos exemplares que aceitaram o neoclassicismo as opções são normalmente colunas com capitéis clássicos. Os retábulos que não adotam o neoclassicismo, tendencialmente, apresentam-se empobrecidos, desrespeitando os modelos adotados, quer mais antigos, quer os mais recentes.

A ornamentação torna-se mais simples, por vezes dourada. As superfícies lisas em branco leite ou em pintura a fingir pedraria são predominantes. As modalidades artísticas complementares tornam-se raras, observando-se, com mais frequência, o uso

da pintura a fingir pedraria ou a utilização de azulejos com padrões oitocentistas, como o retábulo do convento de Redondo (ver apêndice documental pág. 111, figura 23).

2.4. Produção: *risco*, entalhe

Nos séculos XVI, XVII e XVIII os retábulos não representavam apenas um equipamento litúrgico, mas uma cultura artística em grande apogeu na Europa. Apesar dos cânones religiosos de Roma – centro da Cristandade – serem transmitidos em Portugal pelas elites de Lisboa, associadas à Corte, os artistas que para eles trabalhavam, nacionais ou estrangeiros, conseguiam inovar.

Inevitavelmente, essa erudição chegava a outras partes do país, quer pelos representantes dessas elites lisboetas que ali se estabeleciam, quer pelos nobres residentes das províncias, que conseguiam ter acesso direto às inovações europeias através da importação de tratados e gravuras ou por intermédio de artistas estrangeiros. Um desses artistas foi o arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri, que chegou ao Algarve nos finais do século XVIII e se estabeleceu em Faro. Esse contacto da periferia portuguesa com artistas oriundos de outros países deu origem a criações interessantes.

Os retábulos subsistentes nas igrejas dos conventos Capuchos da Província da Piedade, na sua maioria, não apresentaram especificidades regionais relevantes. Evidenciaram, sim, conservadorismo assente em normas comuns com algumas diferenças compositivas e iconográficas.

Os únicos retábulos que apresentaram diferenças mais relevantes foram os do convento de Alter do Chão, onde o retábulo-mor e o retábulo localizado por baixo do coro-alto, executados em mármore, exibem como especificidade duas mísulas, destinadas à exposição de imagens, localizadas nas ilhargas do nicho (ver pág. 53 e pág. 59).

Os artistas e as oficinas executantes dos retábulos encomendados pelos responsáveis da comunidade conventual Capucha da Província da Piedade correspondem apenas aos centros produtivos do Alentejo e Algarve, de acordo com a sua localização.

Os retábulos mais antigos subsistentes são, o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa (ver pág. 34) e os retábulos colaterais do convento de Borba (ver pág. 40), realizados no século XVII.

Devido ao facto de não haver documento que comprove, desconhece-se a identidade dos artistas responsáveis por estas obras. Tendo em conta alguns critérios como, a periodização, a localização e a algumas semelhanças formais pode-se referenciar como possíveis responsáveis por determinadas obras alguns mestres.

Para o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa e os retábulos colaterais do convento de Borba o Mestre António Vaz morador em Vila Viçosa (com atividade na primeira metade do XVII).

A maioria dos retábulos dos conventos Capuchos da Província da Piedade, na região do Alentejo, foram executados no século XVIII. As igrejas dos conventos de Alter do Chão e de Redondo tinham como donatários a casa de Bragança. Atendendo às afinidades artísticas entre os retábulos existentes na igreja do mosteiro de Santo Agostinho – panteão da Casa de Bragança – e o retábulo da Ermida de São Bento com os retábulos destes dois conventos, é possível atribuir o *risco* ao Mestre Pedreiro José Francisco de Abreu e a execução aos mestres que com ele trabalharam: Mestre Canteiro João da Costa Torres, o seu sócio Bento da Silva, o alvanéu José Mendes Brochado (moradores de Vila Viçosa) e os irmãos Borbenses – António Franco Painho e Sebastião Painho (ver apêndice fotográfico pág. 114, figuras 34, 35 e pág. 115, figuras 36 e 37).

Aos retábulos do convento de Vila Viçosa devido a algumas semelhanças formais entre o retábulo da capela-mor deste convento com o retábulo da capela-mor da Igreja do antigo Colégio de Santiago em Elvas, pode-se atribuir ao Mestre Manuel Francisco, que trabalhou no Alentejo no início do século XVIII (ver apêndice fotográfico pág. 116, figuras 38 e 39). E também, a este mestre pode-se atribuir o retábulo da capela-mor do convento de Borba.

Para os retábulos do convento de Évora é possível atribuir o *risco* e entalhe ao Mestre entalhador Luís João Botelho, com oficina em Évora (com atividade em meados do século XVIII) devido a algumas semelhanças com o retábulo da capela da comunidade da igreja do antigo Colégio de Nossa Senhora da Purificação, em Évora (ver apêndice fotográfico pág. 117, figuras 40 e 41).

Dos conventos localizados no Algarve, apenas o arco triunfal retabular, de 1747, do convento de Faro, possui documento atribuindo o *risco* e entalhe ao mestre Tomé da Costa, sediado nesta cidade. Relativamente aos outros retábulos, não foi possível identificar os responsáveis pela execução, podendo-se atribuir ao retábulo da capela-mor do convento de Faro, devido à sua periodização (de 1680 a 1690), ao Mestre João Batista Severino, de nacionalidade italiana, que introduziu o formulário Barroco Pleno

na região algarvia. O retábulo-mor do convento de Tavira, devido às semelhanças formais com o retábulo principal da Ermida de Nossa Senhora da Conceição das Portas, em Loulé, pode-se atribuir a execução ao Mestre Miguel Nobre, sediado na cidade de Faro (ver apêndice fotográfico pág. 118, figuras 42 e 43).

2.5. Usos e Funções

Considerando que os retábulos atendiam as necessidades litúrgicas e particulares das comunidades religiosas, apresentavam, por este motivo, diferentes funções. Entre as prerrogativas litúrgicas destaca-se com maior importância os Jubileus, ou seja, a exposição solene do Santíssimo Sacramento, que era restrito aos templos mais importantes, entre os quais, os das Ordens Terceiras. Nos jubileus era exposta solenemente uma custódia com o Santíssimo Sacramento que ficava sobre um trono e constava também como parte do equipamento, um sacrário. Assim, todos os retábulos das capelas-mores dos templos Capuchos da Província da Piedade expunham com solenidade o Santíssimo Sacramento, no entanto, nem todos apresentam ainda estes equipamentos, alguns só possuem parte deles. Como exemplo de retábulos eucarísticos, refere-se o da capela-mor da igreja do convento de Vila Viçosa (ver pág. 30), de Alter do Chão (ver. pág. 53) e o de Tavira (ver pág. 79), entre outros.

Em relação aos retábulos secundários encontra-se com frequência a utilização de retábulos devocionais a um único tema iconográfico, cuja principal função era proporcionar a concentração dos fiéis neste tema. Todos os retábulos devocionais a um único tema das Igrejas Capuchas da Província da Piedade têm uma estrutura unitária, composta por corpo único e um só tramo, como o do convento de Redondo (ver pág. 65). Porém, o retábulo da Igreja do convento de Borba apresenta a sua composição de uma forma diferente dos outros, visto que, no centro do ático sobressai uma pintura da ressurreição de Cristo que dá continuidade ao tema proposto (ver. pág. 40).

Com menos frequência aparecem os retábulos devocionais a três temas, onde no tramo central o orago é evidenciado e nos tramos laterais aparecem as imagens de devoção secundária. Como exemplo são apontados o retábulo do Calvário em estuque pintado, localizado na sacristia do convento de Estremoz, (ver pág. 43) e o retábulo localizado

numa capela da nave, no lado da Epístola, por baixo do coro alto no convento de Alter do Chão, que apresenta os três temas no tramo central (ver pág. 59).

Numa situação ímpar, encontra-se o oratório relicário que assenta sobre o arcaz da sacristia do convento de Vila Viçosa, que estava destinado à exposição das relíquias pertencentes aos santos (ver pág. 34).

2.6. Tipologias e Modelos Compositivos

Tendo em conta que os retábulos ainda existentes nas Igrejas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade são dos séculos XVII-XVIII, e que as duas tipologias mais usuais nessa época em Portugal eram as que se caracterizavam por corpo único e um só tramo e, ainda, corpo único e três tramos, constata-se que os Responsáveis das Igrejas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade não fugiram a esta preferência.

Verifica-se em maior número a utilização da tipologia de corpo único e um tramo. Nesta tipologia, os intercolúnios podiam inscrever-se das seguintes formas: entre duas colunas, como ocorre nos retábulos colaterais do convento de Borba (ver pág. 40) ou no de Évora (ver. pág. 50); entre dois pilares, como os retábulos colaterais do convento de Redondo (ver. pág. 65) ou ainda, entre duas pilastras, exemplificado pelos retábulos colaterais do convento de Alter do Chão (ver pág. 55).

Outra tipologia bastante usual, como anteriormente referido, era a de corpo único e três tramos, que se verifica em todos os retábulos das capelas-mores das Igrejas dos Conventos Capuchos da Província da Piedade. Do mesmo modo, o retábulo pintado da sacristia do convento de Estremoz (ver pág. 43) e o retábulo localizado na nave por baixo do coro alto do convento de Alter do Chão (ver pág. 59) apresentavam essa tipologia.

Entre os retábulos que apresentavam corpo único e três tramos, o mais comum era os intercolúnios inscreverem-se entre duas colunas, ilustrado pelo retábulo da capela-mor do convento de Alter do Chão (ver. pág. 53), ou inscreverem-se entre dois pilares cujo único exemplo apontado é o retábulo do convento de Tavira (ver. pág. 79).

Com um corpo e cinco tramos aparece apenas o oratório relicário da sacristia do convento de Vila Viçosa, onde o tramo central se inscreve entre duas colunas duplas e os tramos laterais se inscrevem entre duas colunas (ver pág. 34).

Uma outra tipologia pouco usada foi a do arco triunfal retabular. O arco triunfal preenche parte do frontispício da nave interligando os retábulos colaterais o que proporciona uma composição única. Como exemplo é apontado um único caso – o convento de Faro (ver. pág. 75). É também apresentado o arco triunfal do convento de Évora, exemplo ímpar, que é preenchido com talha no seu intradorso e no frontispício da nave e todo o resto está coberto com pinturas em perspetiva arquitetónica, que acompanha o teto abobadado (ver. pág. 48).

Por fim, é pertinente referir alguns retábulos que apresentam soluções originais. Na igreja do convento de Alter do Chão o retábulo da capela-mor apresenta duas mísulas localizadas no banco nas ilhargas do tramo central (ver pág. 53) e o retábulo localizado numa capela da nave por baixo do coro alto, onde apontamos a existência de duas mísulas nas ilhargas do nicho, que se destinam à exposição de imagens (ver pág. 59).

2.7. Materiais

Os responsáveis da Ordem Capucha na Província da Piedade, à semelhança do que se passava no resto do país, elegeram a madeira como matéria-prima principal para a feitura dos retábulos. A escolha da madeira devia-se a alguns fatores, nomeadamente, o seu custo acessível, mão-de-obra experiente, opção estética, entre outros. A madeira mais utilizada em Portugal era o castanho e, com menos frequência, a nogueira e a cerejeira.

Na maioria dos retábulos das Igrejas dos Conventos Capuchos, na Província da Piedade, predominou o uso da madeira entalhada revestida de ouro, onde se aponta como exemplo os conventos de Faro (ver pág. 72 e pág. 75) e o de Évora (ver pág. 46, pág. 48 e pág. 50). Alguns exemplares como o retábulo-mor da igreja do convento de Tavira (ver pág. 79) sofreram intervenções que os adulteraram.

De madeira entalhada e dourada com alguma policromia surgem-nos poucos exemplares, entre os quais, o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa (ver. pág. 34) e os retábulos da igreja do convento de Borba. O retábulo-mor desta igreja apresenta um trono piramidal executado em terracota (ver pág. 38).

Outra solução que nos aparece é a madeira pintada a fingir pedraria, muito pouco utilizada, da qual só há a registar os retábulos colaterais da igreja do convento de Tavira (ver pág. 81).

É de referir também o retábulo localizado junto ao claustro no convento de Redondo. O embasamento apresenta um painel em azulejos e o corpo, em madeira, apresenta-se como uma grande maquina envidraçada (ver apêndice fotográfico pág. 111, figura 23). Apesar de alguns conventos estarem localizados no Alentejo, próximo de zonas onde havia abundância de mármore, este material só foi utilizado nos retábulos de dois conventos. No convento de Alter do Chão, onde existem cinco retábulos em mármore e policromos, o retábulo-mor (ver pág. 53), os retábulos colaterais (ver pág. 55) e os retábulos localizados na nave (ver pág. 57 e pág. 59). O outro convento é o de Redondo que apresenta o retábulo-mor (ver pág. 63) e os colaterais (ver pág. 65) em mármore. Só restaram dois retábulos em alvenaria: os do convento de Redondo, um dos quais está localizado num corredor da cela (ver pág. 67) e o outro numa sala no segundo andar, próxima ao claustro (ver pág. 69). Por último, é de mencionar o exemplar de um retábulo pintado que se encontra na sacristia do convento de Estremoz (ver pág. 43).

2.8. Conservação

Relativamente ao estado de conservação, tendo em conta os retábulos ainda existentes, observa-se que grande parte se encontram em mau estado.

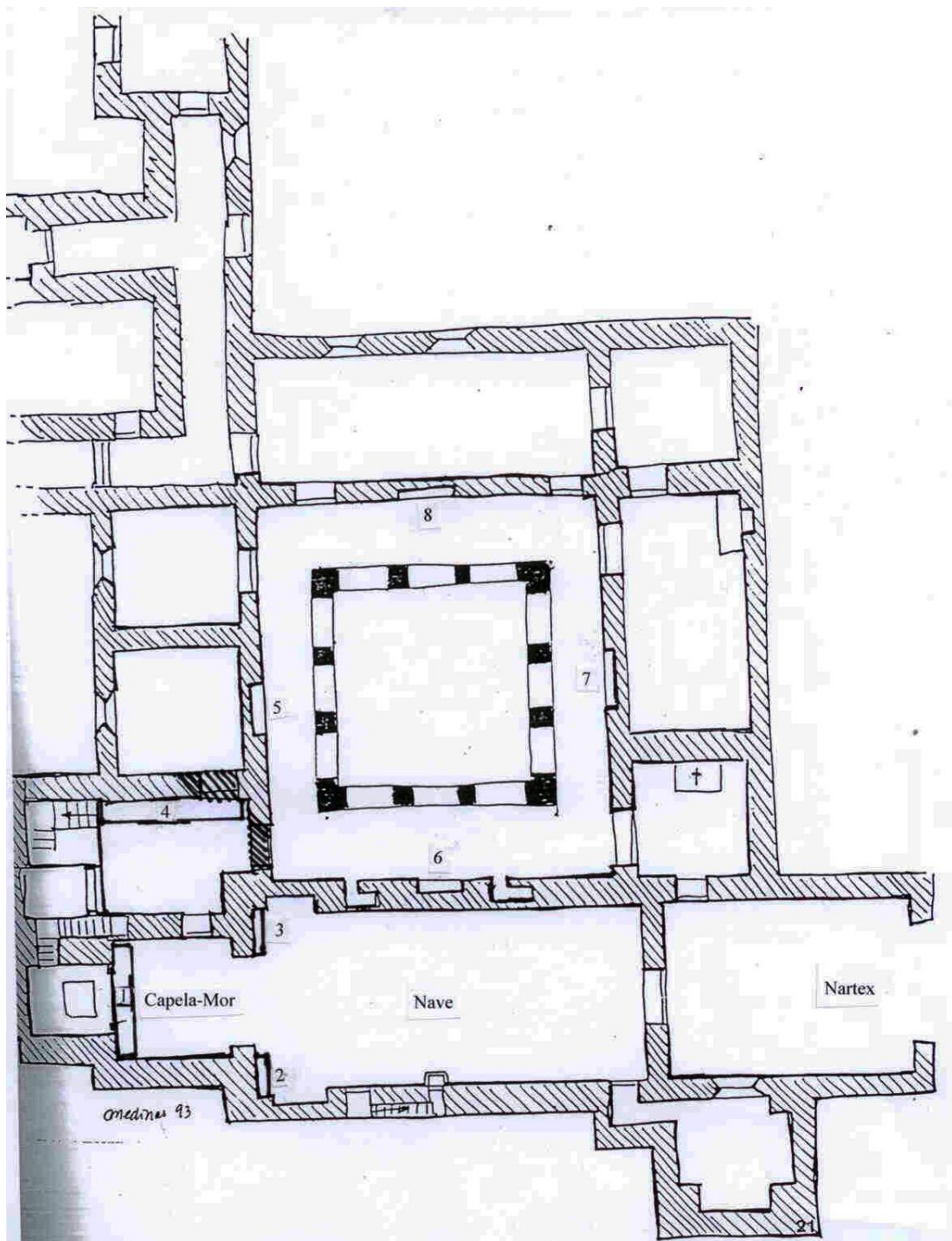
Na igreja do convento de Vila Viçosa, os retábulos que foram realizados em madeira entalhada e dourada, apresentam-se em muito mau estado de conservação. Além do mau estado de conservação do material, os retábulos colaterais já não possuem ático (ver pág. 32), a mesa do altar do retábulo-mor resulta de uma intervenção posterior (ver pág. 30), no oratório da sacristia uma das colunas do ático está caída, a outra desapareceu e a policromia é inadequada (ver pág.34). Os retábulos da igreja do convento de Borba, também de madeira entalhada, dourada e policromada, não apresentam uma realidade muito diferente (ver. pág. 38 e pág. 40). Na igreja do convento de Estremoz só subsistiu um retábulo pintado, o da sacristia, que se encontra bastante degradado (ver pág. 43). Os retábulos de alvenaria do convento de Redondo estão igualmente em muito mau estado de conservação (ver. pág. 67 e pág. 69)

Em razoável estado de conservação encontram-se os dois retábulos colaterais do convento de Redondo, executados em mármore, contudo, nota-se que a policromia é inadequada (ver. pág. 65). Na igreja do convento de Faro, os retábulos de madeira entalhada e dourada, apresentam-se também em razoável estado de conservação devido à policromia renovada de forma inadequada (ver. pág. 72 e pág. 75); a igreja do convento de Tavira revela uma realidade idêntica (ver. pág. 79 e pág. 81).

Para finalizar, encontram-se em bom estado de conservação todos os retábulos da igreja do convento de Alter do Chão e o retábulo mor da igreja do convento de Redondo, todos executados em mármore e policromos (ver. pág.53, pág. 55, pág. 57, pág. 59 e pág. 63). O mesmo se verifica na igreja do convento de Évora, no entanto, neste caso, os retábulos são em madeira entalhada e dourada (ver pág. 46, pág. 48 e pág. 50)

3. Catálogo dos Retábulos Recenseados

3.1. Planta do Rés-do-Chão do Convento de Vila Viçosa



1. Retábulo-Mor
2. Retábulo Colateral
3. Retábulo Colateral
4. Oratório da Sacristia
5. Retábulos do Claustro

Vítor Medinas/1993



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.2. Vila Viçosa - Igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Entalhe: 1702

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor, foi mandado executar pela comunidade conventual. *No dia 27 de novembro de 1702 com uma esmola régia de 40.000 reis concluiu-se o retábulo com a feitura do sacrário, tribuna e o douramento.* Desconhece-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe.

Exemplar eucarístico, que adota uma tipologia de corpo único e três tramos onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas, uma de cada lado.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta em perspectiva côncava, embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No banco há dois pares de mísulas sobre os quais assentam as colunas torsas com sete espiras totalmente revestidas por cachos de uvas e parras. Ao centro surge o sacrário inscrito num monumental conjunto de planta convexa, definido por três pares de colunas torsas. Na parte superior sobressai o camarim em arco pleno preenchido por um trono piramidal com degraus onde está exposta a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade, (outrora destacava-se uma custódia com o Santíssimo Sacramento). Nos tramos laterais surgem mísulas destinadas a exposição de imagens de vulto perfeito, no lado do Evangelho São Francisco, no lado do Epístola Santo António. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático é composto por dois arcos plenos salomónicos cortados transversalmente por cinco aduelas e ao centro uma cartela com as insígnias franciscanas.

Encontra-se em mau estado de conservação. A mesa do altar resulta de uma intervenção posterior.

Bibliografia Específica:

Frei João de Faro, Fragmento Académico, Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P. S. Franc.º. s.l., s.n., 1721, p.14.

Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade*. 2ª Ed., s.l: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 615-622.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 586-592.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.3. Vila Viçosa - Igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade

Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe: 1702

Localizam-se junto ao arco triunfal e são praticamente iguais. Foram executados em 1702 com uma grandiosa esmola doada pelo Rei D. Pedro II, desconhecendo-se os responsáveis pelo *risco* e entalhe.

Exemplares devocionais a um só tema que se inserem na tipologia de corpo único e um só tramo. O intercolúnio inscreve-se entre duas colunas uma de cada lado.

De madeira entalhada e dourada, apresentam planta plana, embasamento com apenas um registo, corpo único e um tramo. No banco há um par de pedestais sobre os quais assentam as colunas torsas com sete espiras totalmente revestidas por cachos de uvas e parras. Ao centro, num nicho emoldurado, expõe-se imagens de vulto perfeito, outrora o retábulo do lado do Evangelho era dedicado a Nossa Senhora da Conceição, patrona de toda a ordem seráfica e o da parte da Epístola era dedicado a São Pedro de Alcântara. O entablamento apresenta-se contínuo.

Encontram-se em mau estado de conservação, faltando o ático e as mesas dos altares resultam de uma intervenção posterior.

Bibliografia Específica:

Frei João de Faro, Fragmento Académico, *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P. S. Franc.º*. s.l., s.n., 1721, p.14.

Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade*. 2ª Ed., s.l: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 615-622.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 586-592.



Ariadne Pignaton - Outubro/2013

3.4. Vila Viçosa - Igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade

Oratório da Sacristia

***Risco* e Entalhe: Século XVII**

Assenta sobre o arcaz. Foi mandado executar pela comunidade conventual, no século XVII, desconhecendo-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe. Oratório relicário, inserindo-se numa tipologia de um corpo e cinco tramos, o tramo central inscreve-se entre colunas duplas e os tramos laterais inscrevem-se entre duas colunas.

De madeira entalhada, dourada e policromada, apresenta planta plana e compõe-se de embasamento, corpo único e ático.

No embasamento há oito mísulas sobre as quais assentam colunas com caneluras e o terço inferior diferenciado, com lóculos destinados à exposição de relíquias. No corpo, os nichos laterais apresentam pinturas (Senhor Crucificado, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista) e nos nichos centrais sobre peanhas expunham imagens em vulto, que desapareceram. No entablamento contínuo assentam três pares de colunas iguais as do corpo e no ático de composição tripartida há mísulas para a exposição de imagens em vulto, que também desapareceram.

Encontra-se em mau estado de conservação, uma das colunas do ático está caída e a policromia resulta de uma intervenção posterior.

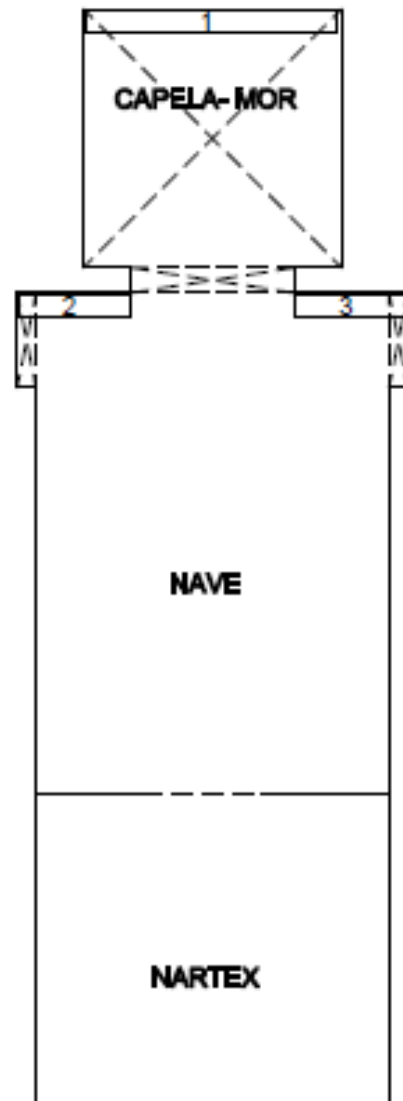
Bibliografia Específica:

Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade*. 2ª Ed., s.l: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 615-622.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 586-592.

3.5

**PLANTA DA IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA
DA CONSOLAÇÃO DE BORBA**



LEGENDA:

- 1- RETÁBULO DA CAPELA-MOR
- 2- RETÁBULO COLATERAL
- 3- RETÁBULO COLATERAL



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.6. Borba – Igreja do Convento de Nossa Senhora da Consolação

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Entalhe: Primeiro Quartel do Século XVIII (?)

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor, foi mandado executar pela comunidade conventual, no primeiro quartel do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe.

Exemplar eucarístico, que adota uma tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas, uma de cada lado.

De madeira entalhada, dourada e policromada, apresenta planta plana, embasamento com dois registos, corpo único, três tramos e ático. No banco há um par de pedestais e na parte central um sacrário individualizado de feitura recente. No corpo, as colunas coríntias são torsas e possuem sete espiras totalmente revestidas com cachos de uvas e parras. O camarim apresenta um trono piramidal em terracota (outrora destinado a exposição solene do Santíssimo Sacramento) hoje, com a imagem em vulto perfeito de Nossa Senhora da Conceição e Cristo Crucificado. Nos tramos laterais surgem mísulas com imagem de vulto perfeito de São Francisco e Santo António. O entablamento restringe-se aos tramos laterais. O ático é composto por duas arquivoltas plenas e concêntricas cortadas transversalmente por aduelas e ao centro sobressai uma cartela com as insígnias franciscanas.

Encontra-se em mau estado de conservação com uma policromia inadequada.

Bibliografia Específica:

Frei João de Faro, Fragmento Académico, *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P. S. Franc.º*. s.l., s.n., 1721, p.p. 16-17.

Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade*. 2ª Ed., s.l: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 176-182.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.7. Borba – Igreja do Convento de Nossa Senhora da Consolação

Retábulos Colaterais

***Risco* e Entalhe: Século XVII**

Localizam-se junto ao arco triunfal ocupando parcialmente a parede do frontispício. São praticamente idênticos. Foram mandados executar pela comunidade conventual, no segundo ou terceiro quartel do século XVII, tendo sido remodelado parcialmente na segunda metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e entalhe.

Exemplar devocional a um tema que adota uma tipologia de um corpo, um tramo, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas uma de cada lado.

De madeira entalhada, policromada e dourada, apresenta planta plana, compõe-se de banco, um corpo e ático. No banco sobressaem um par de pedestais sobre os quais assentam colunas compósitas com o fuste diferenciado no terço inferior e preenchido com caneluras helicoidal. O corpo apresenta no nicho uma moldura envidraçado de perfil recortado e com remate contracurvado. No retábulo do lado do Evangelho aparece a imagem da Sagrada Família, outrora dedicado à Nossa Senhora da Piedade. No retábulo do lado da Epístola, surge a imagem de Nossa Senhora da Conceição, antigamente era dedicado a Nossa Senhora da Encarnação. Sobre o entablamento contínuo desenvolve o ático, que apresenta um par de colunas idênticas à do corpo. Ao centro sobressai uma pintura alusiva à ressurreição de Cristo rematado por um frontão triangular interrompido, ladeado por volutas.

Encontra-se em mau estado de conservação

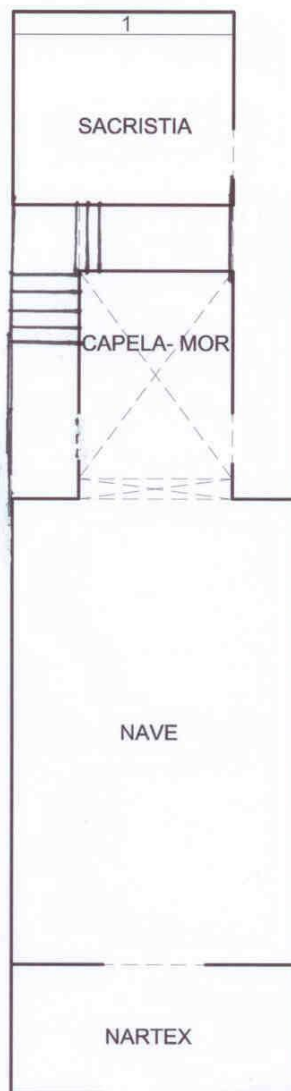
Bibliografia Específica:

Frei João de Faro, Fragmento Académico, *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P. S. Franc.º*. s.l., s.n., 1721, p.p. 16-17.

Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade*. 2ª Ed., s.l: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 176-182.

3.8.

PLANTA DA IGREJA E SACRISTIA DO CONVENTO DE ESTREMOZ



LEGENDA:
1- RETÁBULO DA SACRISTIA



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.9. Estremoz – Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulo do Calvário

Século XVIII

Ocupa na totalidade a parede de uma sala quadrangular abobadada, pela localização, provavelmente, a sacristia. Foi mandado executar pela comunidade conventual entre 1713 e 1750. Não se conhece a identidade do artista, possivelmente, alguém sediado na região.

Trata-se da pintura de um retábulo devocional a três temas, inserindo-se numa tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas, uma de cada lado.

Em estuque pintado, apresenta um embasamento de um único registo, corpo único, três tramos e ático.

No corpo destacam-se quatro colunas coríntias com seis espiras e fuste liso. Ao centro sobressai uma pintura que interrompe o entablamento com a representação do Calvário onde o crucifixo desapareceu, ficando apenas a imagem de Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista. Nos intercolúnios surgem pinturas, no lado da Epístola a imagem é de Santo António, a do lado do Evangelho desapareceu.

O ático acompanha o fecho da capela, ao centro a pintura desapareceu totalmente, nas ilhargas os motivos decorativos são: volutas e elementos vegetalistas.

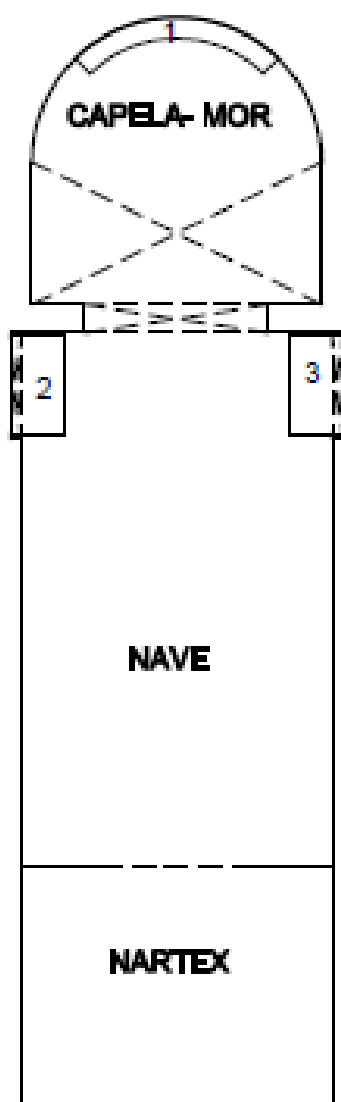
Encontra-se em mal estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. VIII. Lisboa, Ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1969, p.p. 92-96.

3.10.

PLANTA DA IGREJA DO CONVENTO DE EVORA



LEGENDA:

- 1- RETÁBULO DA CAPELA-MOR
- 2- RETÁBULO COLATERAL
- 3- RETÁBULO COLATERAL



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.11. Évora - Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Entalhe: De 1743 a 1746

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor e foi mandado executar por Frei Miguel de Sousel, eleito ministro provincial em 01 de setembro de 1743, terminando o seu mandato em 1746. Desconhece-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe.

Exemplar eucarístico, que adota uma tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas, uma de cada lado.

De madeira entalhada dourada e policromada, apresenta planta em perspectiva côncava, embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No banco há quatro mísulas ornamentadas com concheados e flores, que suportam colunas torsas com sete espiras, cujo fuste está revestido com uma grinalda de flores que não cobre o terço inferior. O banco é composto por um sacrário com porta de moldura polilobada ladeado por quatro consolas. Sobre o sacrário está um trono com uma maquina que ostenta a imagem em vulto perfeito do orago (outrora destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento). Nos tramos laterais surgem mísulas que expõem imagens em vulto perfeito de São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão.

O ático, que estrutura-se em arquivoltas, apresenta a representação do Espírito Santo rematada por um dossel com sanefas de empena recortada. Nas ilhargas surgem dois segmentos de frontões curvos, sobre os quais, assentam imagens em relevo escultóricas de anjos.

Encontra-se em bom estado de conservação

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*, Vol. I. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1966, pp. 313-314.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.12. Évora - Convento de Santo António dos Capuchos

Arco Triunfal

Risco e Entalhe: De 1743 a 1746

Preenche o intradorso do arco triunfal e a totalidade do frontispício da nave e foi mandado executar por Frei Miguel de Sousel, eleito ministro provincial em 01 de setembro de 1743, terminando o seu mandato em 1746. Desconhece-se a identidade do artista responsável pelo *risco*, entalhe e pintura.

O arco triunfal de volta plena é composto por pedestais, um par de pilastras cujas faces exteriores e interiores destaca-se elementos fitomórficos e concheados e ao centro do frontispício uma cartela com a insígnia de Cristo. Todo o resto é preenchido com pinturas em perspetiva arquitetónica que acompanha o teto abobadado.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*, Vol. I. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1966, pp. 313-314.



Ariadne Pignaton – Outubro/2014

3.13. Évora - Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe: De 1743 a 1746

Localizam-se na nave em capelas laterais. Foram executados durante o governo diocesano de Frei Miguel de Sousel, eleito ministro provincial em 01 de setembro de 1743, terminando o seu mandato em 1746. Desconhece-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe.

Exemplares devocionais a um único tema que adotam uma tipologia de corpo único e um só tramo. O intercolúnio inscreve-se entre duas colunas, uma de cada lado.

De madeira entalhada e dourada e com alguma policromia possuem planta plana, embasamento com apenas um registo, corpo único, um tramo e ático.

O banco possui um par de mísulas que suportam colunas torsas com sete espiras, cujos fustes estão revestidos com uma grinalda de flores que não cobre o terço inferior. No centro do banco há um sacrário e, sobre este, um nicho preenchido com maquieta envidraçada trifacetada onde se expõe imagem em vulto perfeito, no do lado do Evangelho São José, no da Epístola Nossa Senhora da Conceição.

Sobre o entablamento contínuo surge o ático com motivos vegetalistas e concheados.

Encontram-se em bom estado de conservação.

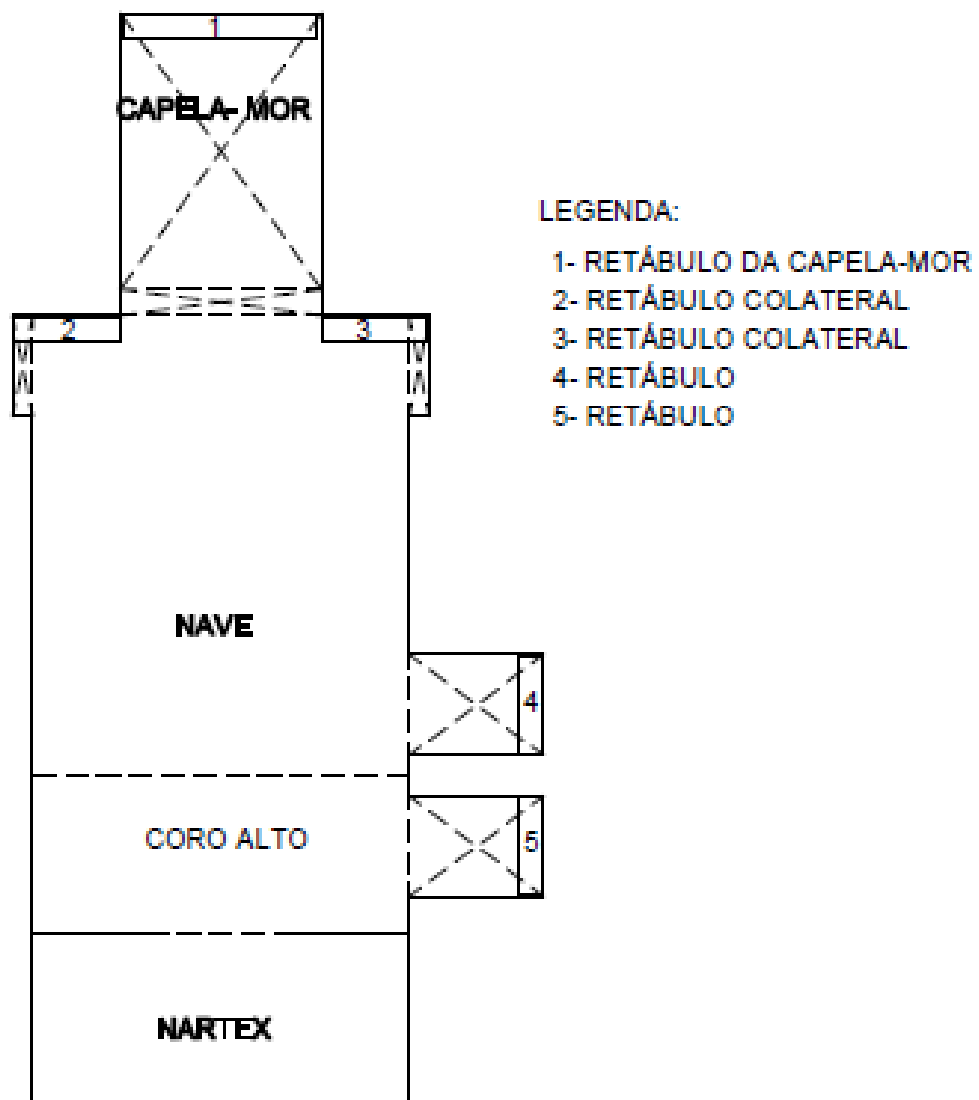
Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*, Vol. I. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1966, pp. 313-314.

3.14.

PLANTA DA IGREJA DO CONVENTO DE ALTER-DO-CHÃO





Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.15. Alter do Chão – Convento de Santo António

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Entalhe: 1760 a 1764

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor. Durante o governo diocesano do Sr. Frei Manuel da Ribeira de Mira, de 06 de dezembro de 1760 até 23 de junho de 1764, mandou-se fazer *de pedra o retabolo do Altar-mor do convento de S. António de Alter que cuja obra [coube?] a Serenissima Casa de Bragança com huma grata esmola*. Desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar eucarístico que adota a tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas. Como especificidade aponta-se as duas mísulas, destinadas à exposição de imagens, localizadas no banco nas ilhargas do tramo central.

De mármore e policromos, apresenta planta em perspetiva convexa, embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No banco há dois pares de pedestais abaulados, sobre os quais assentam colunas de fuste liso e capitéis coríntios e duas mísulas, onde se expõem imagens. Sobre a mesa do altar há um sacrário, no tramo central surge um camarim emoldurado que interrompe o entablamento preenchido com um trono piramidal em degraus, de pedraria, (outrora destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento). No ático surge ao centro, um frontão mistilíneo, no meio regista-se uma cartela com as insígnias franciscanas e, nas ilhargas, surgem segmentos de frontões curvos.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.16. Alter do Chão – Convento de Santo António

Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe: 1764 a 1767

Localizam-se junto ao arco triunfal ocupando parcialmente a parede do frontispício. São praticamente idênticos, foram mandados executar durante o governo diocesano do Sr. Fr. Paulo de Portalegre, de 23 de junho de 1764 a 20 de junho de 1767. No tempo deste prelado *se fizeram os dois altares colaterais de pedraria no convento de Santo António de Alter*. Desconhece-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar devocional a um tema que adota uma tipologia de um corpo e um tramo, onde o intercolúnio se inscreve entre duas pilastras, uma de cada lado.

De mármore e policromos, apresenta planta em perspectiva convexa, embasamento com um registo, corpo único, um tramo e ático. Sobre o banco há um par de pilastras compósitas, ao centro sobressai um sacrário e sobre este, um nicho emoldurado rematado por uma arquivolta que interrompe o entablamento, onde se expõe sobre peanha Nossa Senhora. No ático surge, ao centro, um frontão mistilíneo ornamentado por um querubim, volutas e concheados, nas ilhargas surgem urnas com fogaréus.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.17. Alter do Chão – Convento de Santo António

Retábulo

Risco e Execução: Segunda Metade do Seculo XVIII

Localiza-se numa capela da nave do lado da Epístola. Foi mandado executar pela comunidade conventual, em meados do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar devocional a um tema que adota uma tipologia de um corpo, um tramo, onde o intercolúnio se inscreve entre pilastras duplas.

De mármore e policromos, apresenta planta mista, embasamento com um registo, corpo único, um tramo e ático. No embasamento há dois pares de pedestais abaulados, sobre os quais assentam pilastras. Ao centro sobressai um nicho emoldurado, rematado por uma arquivolta que interrompe o entablamento, destinado à exposição da imagem do orago. No ático surge, ao centro, um frontão mistilíneo ornamentado por volutas e concheados, nas ilhargas surgem segmentos de frontões curvos. De referir que na cobertura da capela aparecem ornatos vegetalistas em estuque.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.18. Alter do Chão – Convento de Santo António

Retábulo

Risco e Entalhe: Segunda Metade do Século XVIII

Localiza-se numa capela da nave, no lado da Epístola, por baixo do coro alto. Foi mandado executar pela comunidade conventual, na segunda metade do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar devocional a três temas, que adota uma tipologia de corpo único e três tramos, em que só o intercolúnio central se inscreve entre duas colunas uma de cada lado. Como especificidade aponta-se a existência de duas mísulas nas ilhargas do nicho.

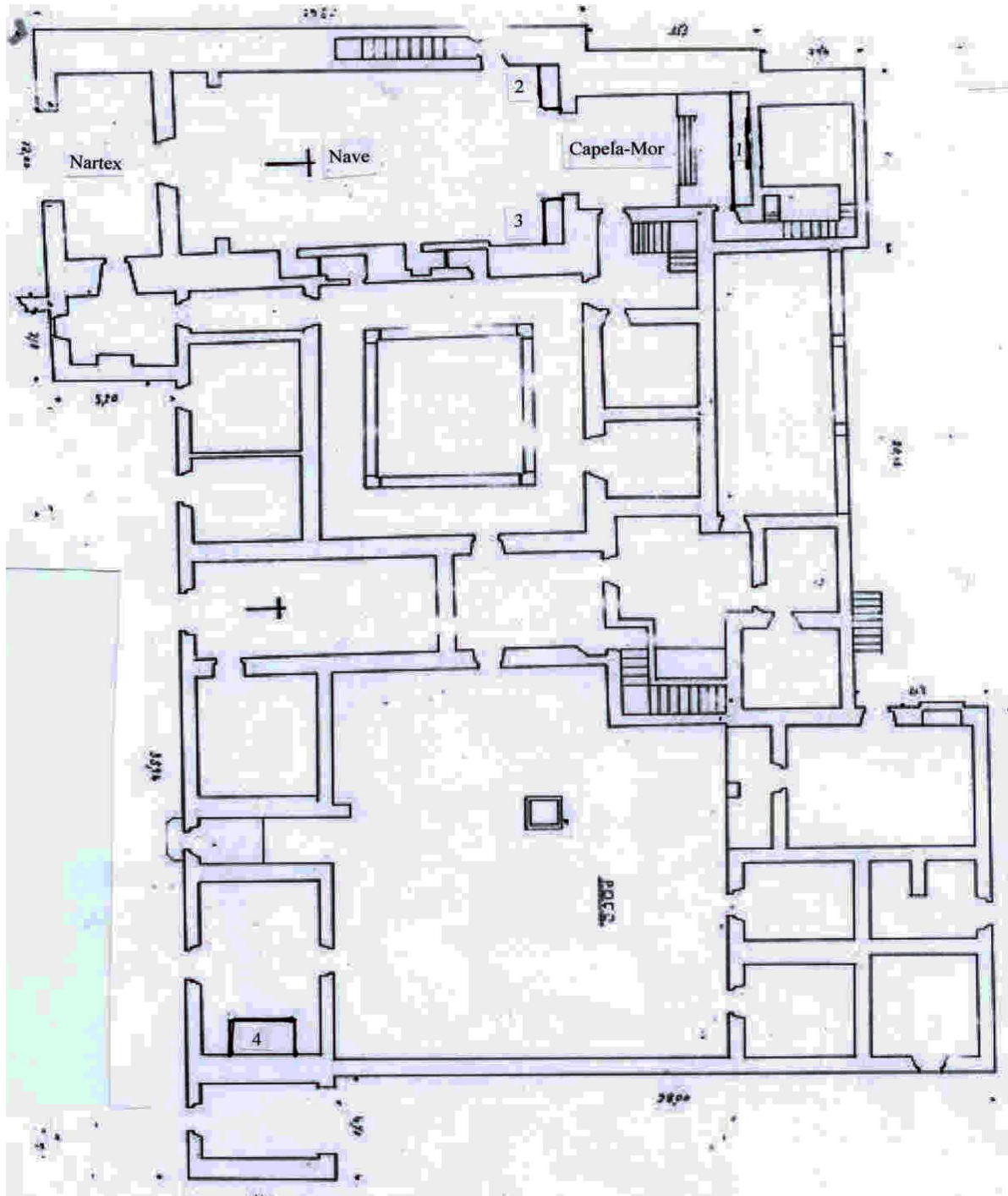
De mármore policromo e dourado, apresenta planta mista, embasamento com duplo registo, corpo único, três tramos e ático. No embasamento há dois pares de pedestais sobrepostos que suportam colunas de fuste liso e capitéis coríntios. No centro sobressai um nicho emoldurado, rematado por um frontão que interrompe o entablamento, este, possui uma peanha destinada a exposição da imagem do orago. Nas ilhargas aparecem duas mísulas rematadas por uma tabela retangular, destinadas à exposição de imagens. O ático é composto por segmentos de frontões curvos e ao centro surge um óculo.

Encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido acrescentado, posteriormente, uma pia batismal.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

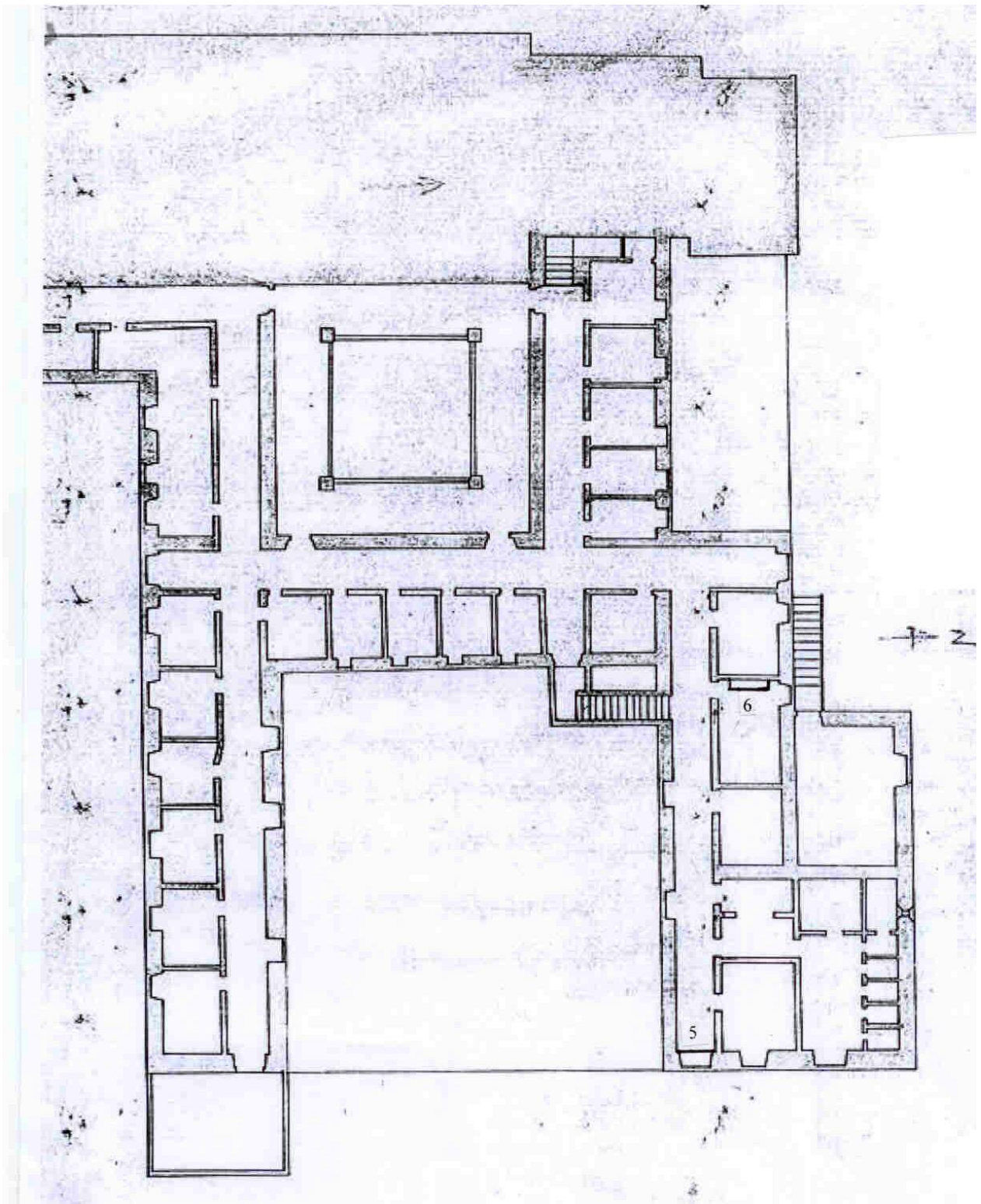
3.19. Planta do Convento de Redondo Rés-do-Chão



1. Retábulo-Mor
2. Retábulo Colateral
3. Retábulo Colateral
4. Retábulo

SIPA

3.20. Planta do Convento de Redondo 1º Andar



5. Retábulo

6. Retábulo

SIPA



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.21. Redondo – Igreja do Convento de Santo António da Piedade

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Execução: 1760 a 1764

Ocupa na totalidade a parede testeira da capela-mor. Durante o governo diocesano do Sr. Frei Manuel da Ribeira de Mira, de 06 de dezembro de 1760 até 23 de junho de 1764, *neste convento do Redondo se fizerao os três retabolos da Igreja de pedra*. Desconhece-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar eucarístico que adota a tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas.

De mármore e policromos, apresenta planta em perspetiva convexa, embasamento com um registo, corpo único, três tramos e ático. No embasamento há dois pares de pedestais abaulados. Sobre a mesa do altar há um sacrário inscrito numa composição ladeada por aletas. O corpo é composto por colunas de fuste liso e capitéis coríntios. No tramo central há um camarim emoldurado preenchido por um trono piramidal em degraus (outroira era destinada a exposição solene do Santíssimo Sacramento). Nos tramos laterais surgem mísulas destinadas a exposição de imagens de santos, rematadas por dosséis. No ático surge, ao centro, um frontão curvo assente em volutas, no meio deste, regista-se uma cartela com as insígnias franciscanas.

Na cobertura da capela-mor aparecem alguns ornatos vegetalistas em estuque.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 278-282.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.22. Redondo – Igreja do Convento de Santo António da Piedade

Retábulos Colaterais

Risco e Execução: 1760 a 1764

Localizam-se junto ao arco triunfal e são iguais. Durante o governo diocesano do Sr. Frei Manuel da Ribeira de Mira, de 06 de dezembro de 1760 até 23 de junho de 1764, *neste convento do Redondo se fizerao os três retabulos da Igreja de pedra*. Desconhece-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplares devocionais a um só tema que se inserem na tipologia de corpo único e um só tramo, onde o intercolúnio se inscreve entre dois pilares-estípites.

De mármore e policromos, possui planta em perspetiva convexa, embasamento com apenas um registo, corpo único, um tramo e ático. Apresentam ao centro um nicho emoldurado com imagens. O entablamento é contínuo, o ático ao centro surge com um frontão mistilíneo e nas ilhargas, segmentos de frontões sobre os quais assentam vasos com flores.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Doc. 2: Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo*, 1780.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 278-282.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.23. Redondo – Igreja do Convento de Santo António da Piedade

Retábulo

Risco e Execução: Segunda Metade do Século XVIII

Localiza-se num dos corredores das celas. Foi mandado executar pela comunidade conventual, na segunda metade do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar devocional a um só tema, que se insere na tipologia de corpo único e um só tramo, onde o intercolúnio se inscreve entre duas pilastras.

De alvenaria, apresenta planta plana, banco, corpo único e ático. Sobre o banco surge um par de pilastras. Ao centro há um nicho emoldurado por pilastras e arquivolta plena destinado à exposição de imagem. O entablamento é contínuo, o ático ao centro surge com um frontão mistilíneo ornamentado com concheados e nas ilhargas aparecem segmentos de frontões, sobre os quais assentam urnas.

Encontra-se em mau estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Vítor Medinas, *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*. Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Volume I e II, 1994, p.p. 121-132.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 278-282.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.24. Redondo – Igreja do Convento de Santo António da Piedade

Retábulo

***Risco* e Execução: Segunda Metade do Século XVIII**

Localiza-se numa sala no segunda andar junto ao claustro. Foi mandado executar pela comunidade conventual, na segunda metade do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e execução.

Exemplar devocional a um só tema, que se insere na tipologia de corpo único e um só tramo, onde o intercolúnio se inscreve entre duas pilastras.

De alvenaria, apresenta planta plana, banco, corpo único e ático. O banco apresenta um par de pilastras. Ao centro há um nicho emoldurado de arquivolta plena destinado à exposição de imagem. O entablamento é contínuo, o ático ao centro surge com um frontão mistilíneo e nas ilhargas aparecem segmentos de frontões, sobre os quais, assentavam urnas.

Encontra-se em mau estado de conservação.

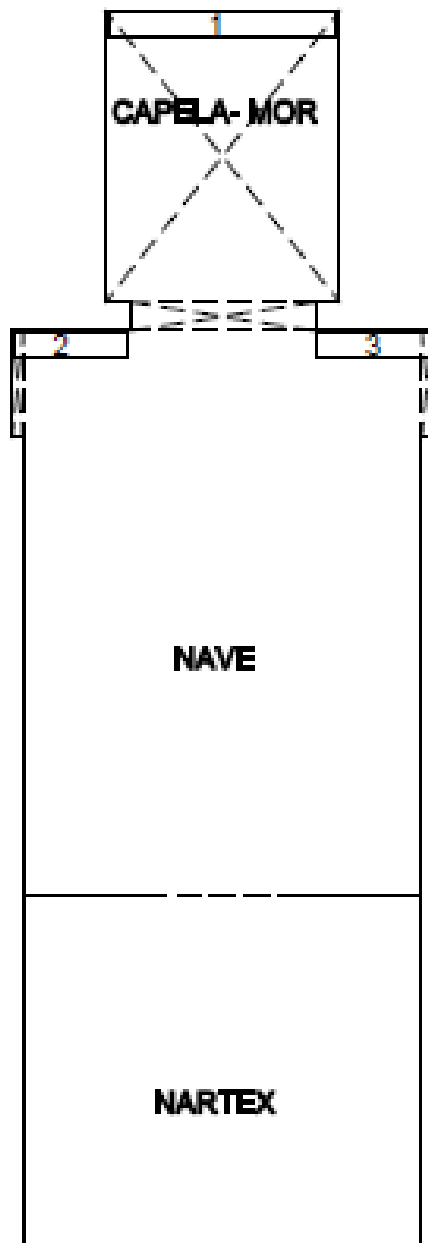
Bibliografia Específica:

Vítor Medinas, *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*. Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Volume I e II, 1994, p.p. 121-132.

Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.p. 278-282.

3.25.

PLANTA DA IGREJA DO CONVENTO DE FARO



LEGENDA:

- 1- RETÁBULO DA CAPELA-MOR
- 2- RETÁBULO COLATERAL
- 3- RETÁBULO COLATERAL



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.26. Faro – Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulo da Capela-Mor

***Risco* e Entalhe: De 1680 a 1690**

Ocupa a totalidade da parede testeira da capela-mor, foi mandado executar pela comunidade conventual, nas décadas de 1680-1690, desconhecendo-se a identidade do artista responsável pelo *risco* e pelo entalhe.

Exemplar eucarístico, que adota uma tipologia de corpo único e três tramos, onde os intercolúnios se inscrevem entre duas colunas, uma de cada lado.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta plana, embasamento com apenas um registo, corpo único, três tramos e ático. O embasamento ao centro apresenta uma pintura recentemente colocada que interrompe o tramo central. No banco há quatro mísulas que suportam colunas torsas com sete espiras totalmente revestidas por cachos de uvas, parras e fénix. No corpo ao centro evidencia-se uma pintura (outrora destacava-se um camarim com trono piramidal com degraus destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento) que acompanha o arco de volta perfeita do entablamento. Nos tramos laterais surgem imagens de vulto perfeito, no lado da Epístola São Francisco, no lado do Evangelho Santo António. O ático é composto por dois arcos plenos salomónicos cortados transversalmente por cinco aduelas e ao centro uma cartela com as insígnias franciscanas sustentadas por dois anjos.

O estado de conservação é razoável a policromia foi renovada de forma inadequada.

Bibliografia específica

Francisco Lameira, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000, p.p. 155-156.*

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, A Talha e a Imaginária, XII Concelho de Faro, 1ª Parte. Faro, Edição Delegação Regional do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, 1994, pp. 296 e 297.*

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Barroco no Algarve. Portimão, Edição Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 1988, p.46.*

Francisco Lameira, *O Retábulo no Algarve. Faro, Universidade do Algarve, 2007, p. 129.*

Francisco Lameira, O Retábulo na Cidade de Faro, in Margarida Alçada (Dir.) *Faro de Vila a Cidade*, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Nº 24. Lisboa, Edição Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (Set. 1994), pp.56-63.

José António Pinheiro e Rosa, *Guia do Visitante das Igrejas de Faro*. Faro, Edição Região de Turismo do Algarve, 1987, pp. 26-27.

José António Pinheiro e Rosa, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Conselho de Faro*, 1ª Edição. Faro, Câmara Municipal, 1984, pp. 39-41



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.27. Faro – Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Arco Triunfal Retabular

Risco e Entalhe: (1747) Tomé da Costa (?)

Preenche o intradorso do arco triunfal e parte do frontispício da nave. Foi mandado executar pela comunidade conventual. *No dia 27 de Setembro de 1747, o Cabido da Sé deu de esmola 4\$800 réis para concluir o douramento. O risco e o entalhe podem ser atribuídos ao Mestre Tomé da Costa sediado na cidade de Faro.*

Todo o conjunto insere-se numa tipologia pouco usual: a dos arcos triunfais retabulares onde o arco triunfal faz a ligação entre os retábulos colaterais.

O arco triunfal é composto por pedestais ornamentado com meninos de cor negra, um par de pilastras, cujas faces exteriores alternam anjinhos com águias e nas interiores destacam-se meninos maiores sustentando cestos de frutos e o entablamento contínuo, ao centro, apresenta uma cartela com a data de 1747, correspondente à campanha de douramento.

Os retábulos colaterais, inseridos neste conjunto, são devocionais a um único tema, adotando uma tipologia frequente de corpo único e um só tramo. O intercolúnio inscreve-se entre duas colunas, uma de cada lado. De madeira entalhada e dourada, possuem planta plana, embasamento com apenas um registo, corpo único, um tramo e ático. O banco possui um par de mísulas a suportar as colunas torsas, com sete espiras, cujos fustes estão totalmente revestidos por ornatos vegetalistas e flores diversas. Ao centro, no retábulo do lado da Epístola aparece a imagem de vulto perfeito de São Francisco, no lado do Evangelho a de Santo António, rematadas por um dossel com cortinas repuxadas lateralmente. Os entablamentos dos retábulos apresentam-se contínuos, os áticos são compostos por vários enrolamentos acânticos, onde nos ângulos, aparecem anjos esvoaçantes rematados por um menino. O centro do ático do retábulo do lado da Epístola é ocupado com um monograma da Ave-Maria (o A entrelaçado com M) encimado por uma coroa dourada e o do lado do Evangelho com um alto-relevo da Verônica mostrando a face de Jesus.

Importante mencionar a estreita relação que existe entre este conjunto e o retábulo da capela-mor, quer através do lambril de azulejos figurativos, quer do entablamento de talha dourada. Por sua vez, os retábulos colaterais interligam com o revestimento azulejar dos dois arcossólios da nave.

O estado de conservação é razoável a policromia foi renovada de forma inadequada.

Bibliografia específica

Francisco Lameira, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000, p.p. 155-156.

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, A Talha e a Imaginária*, XII Concelho de Faro, 1ª Parte. Faro, Edição Delegação Regional do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, 1994, pp. 296 e 297.

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Barroco no Algarve*. Portimão, Edição Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 1988, p.46.

Francisco Lameira, *O Retábulo no Algarve*. Faro, Universidade do Algarve, 2007, p. 129.

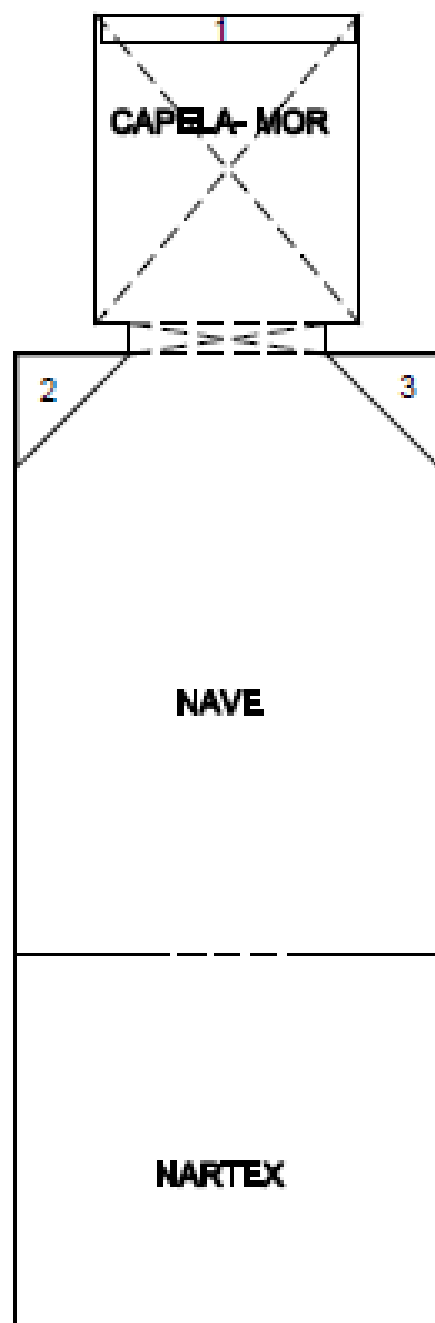
Francisco Lameira, O Retábulo na Cidade de Faro, in Margarida Alçada (Dir.) *Faro de Vila a Cidade*, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Nº 24. Lisboa, Edição Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (Set. 1994), pp.56-63.

José António Pinheiro e Rosa, *Guia do Visitante das Igrejas de Faro*. Faro, Edição Região de Turismo do Algarve, 1987, pp. 26-27.

José António Pinheiro e Rosa, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Conselho de Faro*, 1ª Edição. Faro, Câmara Municipal, 1984, pp. 39-41.

3.28.

PLANTA DA IGREJA DO CONVENTO DE TAMRA



LEGENDA:

- 1- RETÁBULO DA CAPELA-MOR
- 2- RETÁBULO COLATERAL
- 3- RETÁBULO COLATERAL



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.29. Tavira – Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulo da Capela-Mor

Risco e Entalhe: Século XVIII

Ocupa na totalidade a parede testeira da capela-mor. Foi mandado executar pela comunidade conventual, em meados do século XVIII, desconhecendo-se a identidade do mestre responsável pelo *risco* e entalhe.

Exemplar eucarístico que adota a tipologia de corpo único e três tramos inscrevendo os intercolúnios entre dois pilares um de cada lado.

De madeira entalhada e dourada, apresenta planta plana, sotobanco, banco, corpo único, três tramos e ático.

Os quatro pilares compósitos estão ornamentados com elementos fitomórficos, anjinhos e hercúleos, onde ao centro sobre a banquetta se destaca uma maquineta com a imagem de Santo António e, por cima, uma grande tribuna com um trono piramidal em degraus.

Nos tramos laterais sobre peanhas surgem as imagens de vulto perfeito de Santo António e São Francisco. O entablamento restringe-se aos tramos laterais e o ático inscreve-se entre dois arcos plenos onde se destaca ao centro uma cartela.

Encontra-se em razoável estado de conservação, apesar da policromia desajustada.

Bibliografia Específica:

Francisco Lameira, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 302.

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Barroco no Algarve*, Edição Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Portimão, 1988, p.46.



Ariadne Pignaton – Outubro/2013

3.30. Tavira – Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe: Cerca de 1781

Localizam-se junto ao arco triunfal e são praticamente iguais. Sabe-se, que um dos retábulos foi mandado executar por volta de 1781 pelo instituidor privado Diogo Nunes, que *deixa 8000 Reis para o fabrico do Altar.*

Desconhece-se os responsáveis pelo *risco* e entalhe e onde se reconhece *afinidades com os retábulos laterais da Igreja Matriz de Castro Marim, podendo ter sido executado pelo mesmo entalhador.* Exemplos devocionais a três temas, que se inserem na tipologia de corpo único e um só tramo inscrevendo-se os intercolúnios entre dois pilares, um de cada lado.

Ambos são de madeira pintada a fingir pedraria com alguns ornatos dourados. Apresentam planta plana, compondo-se de embasamento com um único registo, um só corpo e ático. Ao centro, surge um nicho emoldurado preenchido com imagem de vulto perfeito, no lado do Evangelho uma Pietà, provavelmente, colocada posteriormente, no lado da Epístola Nossa Senhora das Dores, outrora possuía uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, a quem o retábulo foi dedicado. Nas laterais deste nicho, aparecem pequenas molduras com peanhas, cujas imagens desapareceram. O ático ornamentado com elementos fitomórficos se reduz a um arco pleno, rematado por segmento de frontão.

Encontram-se em razoável estado de conservação com uma policromia renovada de forma inadequada.

Bibliografia Específica:

Arquivo Distrital de Faro, DFDGAR/149 – C, AAVV, 013 – Registo de Documentos do Tombo de inventários de conventos no Algarve – Santo António dos Capuchos de Tavira, 1665-1868.

Arquivo Distrital de Faro, DFDGAR/506, AAVV, 018 - Registo de Legados de Conventos no Algarve, 1793 – 1833.

Francisco Lameira, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 302.

Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Barroco no Algarve*, Edição Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Portimão, 1988, p.46.

4. Conclusões

Na conclusão desta dissertação é perceptível que o tema não ficou esgotado. A divisão da Província da Piedade, resultado do crescimento da ordem e necessidade de organização administrativa, reuniu outras províncias, facultando a possibilidade de dar continuidade ao tema proposto, assim como a leitura de alguns fundos arquivísticos, que não foram possíveis contactar por motivos diversos, revelarão também, elementos importantes que não puderam ser detetados.

É fundamental referir a importância deste estudo se tivermos em conta que a maioria dos retábulos e conventos se encontram em mal estado de conservação, sujeitos a desaparecerem. Os Conventos Capuchos, após a extinção das ordens religiosas, em 1834, perderam a sua função inicial e, devido ao isolamento prezado pelos frades capuchos, com a expansão urbanística, que ocorreu ao longo do tempo, estes conventos ficaram localizados fora da *cidade histórica*, o que os tornou vulneráveis e esquecidos. Apesar de representarem um património importante estão, na sua maioria, completamente ignorados.

Sobre o estado de conservação dos retábulos, tendo em conta os exemplares ainda existentes, observa-se que grande parte se encontra em mal estado. Os retábulos do convento de Vila Viçosa, além do mal estado de conservação, alguns estão incompletos, como podemos verificar nos colaterais, que lhes faltam o ático e, o oratório da sacristia, onde uma coluna desapareceu (ver pág. 32 e pág. 34). Os do convento de Borba não apresentam uma realidade muito diferente, a madeira está em muito mal estado de conservação (ver pág. 38 e pág. 40). Na igreja do Convento de Estremoz só subsistiu um exemplar em estuque pintado, localizado na sacristia, que se encontra bastante degradado (ver pág. 43) e os retábulos de alvenaria do convento de Redondo estão igualmente deteriorados (ver pág. 67 e pág. 69). Em razoável estado de conservação estão os dois colaterais do convento de Redondo, realizados em mármore, os de madeira entalhada do convento de Faro e os do convento de Tavira, todos estes, apresentam uma policromia renovada de forma inadequada (ver pág. 65, pág. 72, pág. 75, pág. 79 e pág. 81). Por fim, é de referir que os únicos retábulos que estão em bom estado de conservação são os do convento de Alter do Chão e o da capela-mor do convento de Redondo, executados em mármore (ver pág. 53, pág. 55, pág. 57, pág. 59 e pág. 63).

Passando às conclusões gerais, este estudo indica-nos que a Província da Piedade acompanhou, com um ritmo próprio, as tendências culturais e artísticas sucedidas no resto do país. O apoio dos Duques de Bragança; os representantes das elites lisboetas que ali se estabeleciam; os nobres residentes das províncias, que conseguiam ter acesso direto às inovações europeias, através da importação de tratados e gravuras ou por intermédio de artistas estrangeiros, permitiram o acesso às estas inovações artísticas. Foi fundamental também para o desenvolvimento artístico o contato com agentes europeus oriundos de Inglaterra, da Flandres, da Espanha e da Itália. As riquezas naturais da região alentejana e da região algarvia, com matérias-primas de qualidade, nomeadamente, o mármore, a madeira de bordo e de castanho, proporcionaram o desenvolvimento das atividades artísticas ligadas à marcenaria. Os mesteiros alentejanos e algarvios afirmaram-se localmente conseguindo satisfazer, na maioria das vezes, as solicitações. É de referir também, a importância dos artistas estrangeiros que se estabeleciam nestas regiões.

A encomenda artística destas obras eram realizadas por ministros provinciais, que eram patrocinadas por esmolas doadas pela Casa de Bragança; pela sociedade civil, neste caso ordem terceira; ou por privados.

A talha surge como a manifestação artística mais utilizada no interior dos templos, os retábulos eram instrumento programático, onde se pretendia proporcionar estímulos através do sermão, utilizando a teatralidade e a cenografia num ambiente majestoso. Estes equipamentos atendiam as necessidades litúrgicas e particulares das comunidades religiosas, apresentavam, por este motivo, diferentes funções, que com maior importância se pode destacar os Jubileus, ou seja, a exposição solene do Santíssimo Sacramento, que era restrito aos templos mais importantes, entre os quais os das Ordens Terceiras. Assim, todos os retábulos das capelas-mores, dos templos capuchos, expunham com solenidade o Santíssimo Sacramento. Como exemplo de retábulo Eucarístico apresenta-se a capela-mor do convento de Alter do Chão (ver pág. 53). Em relação aos retábulos secundários, aparece com frequência os devocionais a um único tema iconográfico, com uma estrutura unitária, composta por corpo único e um só tramo, como os retábulos colaterais do convento de Vila Viçosa (ver pág. 32). Com menos frequência aparecem os retábulos devocionais a três temas, onde no tramo central o orago é evidenciado e nos tramos laterais surgem as imagens de devoção secundária. Como exemplo é apontado o retábulo do Calvário em estuque pintado do

convento de Estremoz (ver pág. 43). Numa situação singular, encontra-se o oratório relicário da sacristia do convento de Vila Viçosa (ver pág. 34).

Em relação à localização, os retábulos principais dos templos capuchos encontravam-se nas capelas-mores ocupando toda a parede testeira, os secundários ou colaterais eram frequentes em cada um dos lados do arco-triunfal, preenchendo parcialmente a parede do frontispício. Numa situação restrita, estes retábulos interligavam-se através do revestimento do arco-cruzeiro dando origem ao arco triunfal retabular, do qual apresenta-se o caso do convento de Faro (ver pág. 75). Outros exemplos que podem ser referidos são os retábulos localizados em capelas na nave, como os retábulos do convento de Alter do Chão (ver pág. 57 e pág. 59).

Nas tipologias e modelos compositivos verifica-se em maior número a utilização do corpo único e um tramo. Nesta tipologia, os intercolúnios podiam inscrever-se entre duas colunas, entre dois pilares ou, ainda, entre duas pilastras. Bastante usual, foi a utilização do corpo único e três tramos, onde os intercolúnios podiam se inscrever entre duas colunas ou entre dois pilares. Com um corpo e cinco tramos aparece apenas o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa, onde o tramo central se inscreve entre duas colunas duplas e os tramos laterais, entre duas colunas (ver pág. 34). Uma outra tipologia pouco usada, foi o arco triunfal retabular, onde aponta-se como exemplo o convento de Faro (ver pág. 75). É também de referir, o arco triunfal do convento de Évora, o intradorso e o frontispício da nave é preenchido com talha e todo o resto está coberto com pinturas em perspectiva arquitetónica (ver pág. 48). Por fim, apresenta-se uma solução original em que o retábulo possui duas mísulas nas ilhargas do tramo central, que se destinam à exposição de imagens, como o retábulo-mor do convento de Alter do Chão (Ver pág. 53).

Foram identificados neste estudo, cinco períodos distintos, cada um apresentando as suas características próprias, acompanhando as estéticas artísticas que iam surgindo. Do século XVII aparece-nos um oratório da sacristia, do convento de Vila Viçosa e dois retábulos colaterais do convento de Borba. O número de retábulos Protobarroco é reduzido, se não tivessem sido substituídos no século XVIII, poderiam aparecer em maior quantidade. Neste período, o retábulo se afirmou como uma das mais eloquentes modalidades artísticas no mundo português. Assistiu-se à preferência pelo culto a um único tema - como podemos verificar nos retábulos colaterais do convento de Borba (ver pág. 40) - e a devoção às relíquias patente no retábulo da sacristia do convento de Vila Viçosa, (ver pág. 34). Surgiram também nesta época, os retábulos eucarísticos e a

linguagem escultórica é mais valorizada deixando a pintura figurativa de ser preferência. Os retábulos devocionais a um único tema adotaram composições de corpo único e um só tramo e os retábulos relicários incorporaram diversos nichos ou lóculos destinados à exposição de relíquias, onde apontamos como exemplo o oratório da sacristia do convento de Vila Viçosa (ver. pág. 34). A planta mais utilizada, no protobarroco, foi a plana e as colunas eram de fuste liso, ornamentado e diferenciado no terço inferior.

Seguindo as tendências que se realizavam no resto do país, pondo termo a conjuntura anterior, surge o Barroco Pleno, uma conjuntura que começa no último quartel do século XVII e prolonga-se até os princípios do século XVIII. Nos Conventos Capuchos da Província da Piedade aparece-nos cinco exemplares desta conjuntura e são dos princípios do século XVIII. Apesar de surgirem nesta fase plantas dinâmicas, estes retábulos, apresentam apenas plantas planas, onde apontamos como exemplo o retábulo-mor do convento de Faro (ver. pág. 72). A utilização da tribuna ou camarim central passa a ser dominante nesta época, não apenas nos retábulos eucarísticos.

As colunas mostram inovações, são torsas com seis ou sete espiras, com a garganta do fuste totalmente preenchida com cachos de uvas, parras, fénix, entre outros. Podemos apresentar como exemplo as colunas dos retábulos colaterais do convento de Vila Viçosa (ver apêndice fotográfico pág. 105, figura 1). Surge também o predomínio da imaginária de vulto, quer na tribuna ou nichos centrais, quer nos intercolúnios. Os nichos, com uma leve concavidade, são emoldurados por pilastras e arquivoltas plenas, onde se expõem as representações escultóricas, como nos retábulos colaterais do convento de Vila Viçosa (ver pág. 32). É muito marcante nesta época a utilização no ático dos arcos plenos e concêntricos (salomónicos), que rematam as colunas e que são cortados transversalmente por aduelas, apresentando uma cartela central conforme o retábulo-mor do convento de Borba (ver pág. 38). A ornamentação em alto-relevo expande-se por todo o retábulo, onde a folhagem de *cardo* predomina (ver apêndice fotográfico pág. 107, figura 7).

O Barroco Final vigora durante o século XVIII, entre, aproximadamente, 1713 e a segunda metade deste século. Deste período aparece-nos o arco-triunfal do convento de Faro e o retábulo pintado da sacristia do convento de Estremoz (ver. Pág. 75 e pág. 43). Esta fase teve como origem as novidades vindas de Itália e França. Nesta conjuntura, as plantas aparecem dinâmicas, as tribunas (ou camarins) deixam de ser tão profundas, assim como os nichos, que expõem as representações figurativas em mísulas. Estes

nichos são rematados por dosséis e, por vezes, apresentam cortinados repuxados lateralmente, como ocorre nos retábulos colaterais do convento de Faro (ver pág. 75). As colunas torsas ainda apresentam soluções da fase anterior, alterando apenas os ornatos, nomeadamente, flores e elementos vegetalistas. Apresenta-se como exemplos as colunas dos retábulos colaterais do convento de Faro (ver apêndice fotográfico pág. 112, figura 27). O ático, também desempenha um papel característico, pois apresenta-se dinâmico e cenográfico. No que diz respeito à ornamentação, regista-se o uso de elementos figurativos em relevo a cobrir todo o espaço disponível e elementos vegetalistas, como grinaldas de flores, entre outros. O material predominante é a madeira entalhada e dourada.

A maioria dos retábulos dos Conventos Capuchos da Província da Piedade subsistentes são do período Rococó. Foram identificados onze retábulos desta conjuntura e dois do Tardo Barroco. Estas conjunturas artísticas coexistiram em simultâneo, começando na segunda metade do século XVIII e prolongando-se até ao seu final. A existência de muitos retábulos deste período justifica-se por algumas necessidades como: ampliação dos conventos, degradação dos conventos e as destruições causadas pelo terremoto de 1755. Conforme as alterações realizadas, os retábulos eram substituídos, assimilando as inovações estéticas que iam surgindo. Trata-se de um período com larga implantação, onde houve uma grande aceitação das inovações estéticas, substituindo a grandiosidade do Barroco por uma ambiência de carácter feminino, expressas nos concheados e nas suaves cores rosa bebê, azul bebê e branco. Apesar da talha dourada continuar a ser utilizada nesta conjuntura, o material pétreo passa a ser predominante, particularmente na região do Alentejo, onde o mármore é abundante. Regista-se, nos Conventos Capuchos da Província da Piedade, oito retábulos em mármore, três no convento de Redondo e cinco no convento de Alter do Chão (ver pág. 63, pág. 65, pág. 53, pág. 55, pág. 57, e pág. 59). Em talha dourada surgem quatro retábulos, três no convento de Évora e um no convento de Tavira (ver pág. 4, pág. 50, e pág.79). Contudo, são frequentes as superfícies lisas com policromia a fingir pedraria, indicando-se como exemplo os retábulos colaterais do convento de Tavira (ver pág. 81). Outras características deste período são as plantas que aparecem muito dinâmicas, por vezes, o mesmo retábulo apresenta a perspectiva côncava e convexa, como os retábulos do convento de Alter do Chão (ver pág.57 e pág. 59). Os embasamentos e os áticos apresentam soluções inéditas, as ordens arquitetónicas, em alguns exemplares, são difíceis de identificar, pois confundem-se com os ornatos e apresentam várias soluções

como: colunas com fuste liso (ver apêndice fotográfico pág. 109, figuras 14 e 18), colunas de fuste torso ornamentadas com grinalda de flores na garganta (ver apêndice fotográfico pág. 108, figura 10), pilastras compósitas, entre outras. O ático exhibe soluções diversificadas, como segmentos de frontões recortados e sinuosos. A ornamentação Rococó apresenta, entre outras características, formas auriculares, elementos vegetalistas assimétricos, flores diversas e os concheados aparecem como componente principal. O Tardobarroco desvaloriza os ornatos, mostrando-se de forma muito sóbria como os retábulos colaterais do convento de Tavira (ver pág. 81).

Para finalizar o Neoclassicismo/Revivalismos que vigorou no penúltimo quartel do século XVIII e se prolongou até à primeira metade do século XX. Teve pouca aceitação, identificando somente um exemplar no convento de Redondo (ver apêndice fotográfico pág. 111, figura 23). Neste período, constata-se uma forte rutura com as normas estéticas. Trata-se de um período decadente em que a maioria da clientela dá preferência aos retábulos com menos custos. A talha perde o protagonismo e apesar da madeira continuar a ser preferencial, utiliza-se também, com alguma frequência, a alvenaria estucada e pintada, devido ao facto de serem materiais monetariamente mais acessíveis. As modalidades artísticas complementares tornam-se raras, observando-se com mais frequência o uso da pintura a fingir pedraria ou a utilização de azulejos com padrões oitocentistas como o retábulo do convento de Redondo (ver apêndice fotográfico pág. 111, figura 23). Os retábulos vão gradualmente deixando de ocupar todo o espaço disponível. As plantas dinâmicas são raramente utilizadas, predominando o uso das planas. Há muita diversidade nos elementos arquitetónicos. Os retábulos que não adotam o neoclassicismo, tendencialmente, apresentam-se empobrecidos. A ornamentação torna-se mais simples e as superfícies lisas em branco leite ou em pintura a fingir pedraria são predominantes.

5. Bibliografia

Fontes Manuscritas:

Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/490-491 [550 – 551], AAVV, 013 – *Registos de Documentos do Tombo e de inventário de conventos no Algarve, 1594 – 1822.*

Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/149 – C, AAVV, 013 – *Registo de Documentos do Tombo de inventários de conventos no Algarve – Santo António dos Capuchos de Tavira, 1665-1868.*

Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/506, AAVV, 018 - *Registo de Legados de Conventos no Algarve, 1793 – 1833.*

Biblioteca de Évora, *Cod. Manizola*, Cól. 481, AAVV, *Livro em q estão os Provinciais q tem toda esta provincia e q vai tendo*, 1780.

Biblioteca de Évora, Cód. CXIV/2-24, nº6, s.n., *Memória sobre a origem e história dos estudos na Província da Piedade; Livro em que se acham os provinciais que tem tido esta província [da Piedade] e que vai tendo*, 1771.

Biblioteca de Évora, Cód. CXIV/2-24, nº9, s.n., *O estabelecimento e progresso que tiveram, entre eles os estudos e a decadência que neles experimentaram depois da entrada dos chamados Jesuítas neste reino*, 1771.

Biblioteca de Évora, Cód. CLXV/2-1, AAVV, *Patentes e Visitações (Convento de Nossa Senhora da Consolação do Bosque Borba)*, 1771-1832.

Biblioteca de Évora, Cód. CLXV/2-2, AAVV, *Legados (Convento de Nossa Senhora da Consolação do Bosque Borba)*, 1768-1834.

Biblioteca de Évora, Convento de Nossa Senhora da Consolação do Bosque, *Lv. I*, AAVV, *Livro de receita do Convento*, 1807-1834.

Fontes Impressas:

CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano*. Lisboa, Officina Craesbeekiana, 1652-1744.

CASTRO, João Bautista, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Tomo Segundo, Parte III e IV, segunda edição. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXIII.

DIAS, João José Alves; RODRIGUES, Teresa; MARQUES, António, *Álbum de Paleografia*. Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

ESPERANÇA, Frei Manoel da, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Provincia de Portugal*. Lisboa, Officina Antonio Caraesbeeck de Mello, 1666.

FARO, Frei João de, *Fragmento Académico, Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P. S. Franc.º*. s.l., s.n., 1721.

MONFORTE, Frey Manoel de, *Chronica da Província da Piedade, Primeira Capvcha de Toda a Ordem & Regvlar Observancia de Noffo Seraphico Padre S. Francisco*. Dedicada ao Serenissimo Senhor Dom Joam, Principe de Portugal e Duque da real Casa de Bragança. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, Impressor da Sua Megestade, 1696.

PINHO, Leal, *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, Mattos Moreira & Companhia, 1875.

SALGADO, Vicente, *Memorial Eclesiástico do Reino do Algarve*. Lisboa, Régia Oficina Tipografia, 1786.

Estudos:

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. I e II. Lisboa, Livraria Civilização, 1967-1971.

ANDRADE, Filomena, et alii, *Guia Histórica das Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento*, um projeto de investigação, Lusitânia Sacra, 2ª Série, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa, Tomo XIII-XIV. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2001-2002.

AZEVEDO, Carlos (Dir.), *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000.

AZEVEDO, Carlos (Dir.), *História Religiosa de Portugal, vols 1 e 2*. Lisboa. Círculo dos Leitores, 2000.

AZEVEDO, JOSÉ, *Inventário Artístico Ilustrado de Portugal, Algarve e Regiões Autónomas dos Açores e Madeira*. Lisboa, Ed. Nova Gesta, 1992.

- BARATA, António, *Alentejo Histórico, Religioso, Civil e Industrial*. Évora, Tip. Eborense de Francisco C. Bravo, 1893.
- BORGES, Nelson, *História da Arte em Portugal - do Barroco ao Rocóco*, Vol.9. Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1993.
- CORREIA, José Horta, *Arquitectura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*. Lisboa, Presença, 2002.
- CORREIA, José Horta, *História da Arte em Portugal - Arquitectura Maneirismo e Estilo Chão*, vol. 7. Lisboa, Publicações Alfa, 1986.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. I. Lisboa, Ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1966.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, VIII (Zona Norte)*, vols. I e II. Lisboa, Ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1969.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, IX (Zona sul)*, vols. I e II. Lisboa, Ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1978.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja XII, (Zona Norte)*, vols. I e II. Lisboa, Ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1992.
- ESPANCA, Padre Joaquim, *Memórias de Vila Viçosa*, Cadernos Culturais da Câmara Municipal de Vila Viçosa, nº 22. Vila Viçosa, Câmara Municipal, 1984.
- FRÓIS, Virgínia, *Conversas à volta dos conventos*. Évora, Ed. Casa do Sul, 2002.
- GAMBOA, Teresa (Org.), *Património Arquitectónico e Arqueológico Clássificado: Inventário*. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1993.
- KUBLER, George, *A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)*. Lisboa, Vega, 1988.

LAMEIRA, Francisco, *A Escultura Barroca Algarvia*. Lisboa, Dissertação de mestrado em História da Arte apresentado a Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas do Departamento de História da Arte, 1989.

LAMEIRA, Francisco, *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime*. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2000.

LAMEIRA, Francisco, Documentos para a História do Barroco no Algarve, in José Vitorino (Dir.), *Anais do Município de Faro 2001-2002*. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2003, p.p. 132-257.

LAMEIRA, Francisco, *Inventário Artístico do Algarve. A Talha e a Imaginária*. Faro, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

LAMEIRA, Francisco, *Inventário Artístico do Algarve, A Talha e a Imaginária, XII Concelho de Faro, 1ª Parte*. Faro, Edição Delegação Regional do Algarve da Secretaria de Estado da Cultura, 1994.

LAMEIRA, Francisco, *Itinerário Artístico do Barroco no Algarve*. Portimão, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 1988.

LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo da Companhia da Jesus em Portugal: 1619 -1759*. Faro, Universidade do Algarve, 2006.

LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo em Portugal, das Origens ao Declínio*. Faro, Universidade do Algarve, 2005.

LAMEIRA, Francisco, O Retábulo na Cidade de Faro, in Margarida Alçada (Dir.), *Faro de Vila a Cidade*, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Nº 24. Lisboa, Edição Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (Set. 1994), pp.56-63.

LAMEIRA, Francisco, *O Retábulo no Algarve*. Faro, Universidade do Algarve, 2007.

MARADO, Catarina, *Antigos Conventos do Algarve. Um Percorso Pelo Patrimônio da Região*. Lisboa, Edições Colibri, 2006.

MARADO, Catarina, *Los Edifícios de los Antiguos Conventos Capuchos en el Algarve: Localización e Integración. Memorias en el Espacio Urbano*, Tese de Doutoramento em Teoría y Práctica de la Rehabilitación Arquitectónica y Urbana apresentada a Universidade de Sevilla, 2003.

MARADO, Catarina, Os Frades Capuchos no Reino do Algarve, Processo de Instalação e Tipologia de Localização, in José Vitorino (Dir.), *Anais do Município de Faro 2003-2004*. Faro, Edição Câmara Municipal de Faro, 2008, p.p. 12-27.

MARADO, Catarina, *Patrimonio y Territorio: La Geografía Conventual Capucha*. Lanzarote, VII Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio, 2004.

MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 1997.

MATOSO, José (coord.), *Inventário das Ordens Monásticas/Conventuais, Ordem de São Bento, Ordem do Carmo, Ordem dos Carmelitas Descalços, Ordem dos Frades Menores, Ordem da Conceição de Maria*. Lisboa, Ministério da Cultura, Torre do Tombo, 2002.

MEDINAS Vitor, *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade*. Vols. I e II, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994.

MOURA, Carlos, *História da Arte em Portugal - O Limiar do Barroco*, Vol. 8. Lisboa, Publicações Alfa, 1986.

MURRAY, Bruno, *As Ordens Monásticas e Religiosas*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989.

PEREIRA, Paulo (Dir.) *História da Arte Portuguesa*, Vol. 3, 1ª edição. Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja Católica*. Lisboa, Planeta Editora, 1992.

POMBINHO, José, *O Convento dos Capuchos de Portel e Outras Notícias da Vila*. Évora, Minerva Comercial, 1959.

ROSA, José António Pinheiro e, *Guia do Visitante das Igrejas de Faro*. Faro, Edição Região de Turismo do Algarve, 1987.

ROSA, José António Pinheiro e, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Conselho de Faro*, 1º Edição. Faro, Câmara Municipal, 1984.

ROSA, José, *O Convento de Santo António dos Capuchos*. in Separata dos Anais do Município de Faro, 1969.

SARAIVA, José (dir.), *Situação dos Edifícios e Institutos Religiosos ao Serviço do Estado e das Corporações: Conventos de Frades e Conventos de Freiras*, Vol. II. (S.L.), Arquivo de História do Ministério das Finanças, 1941.

SERRÃO, Vítor, *O Património Artístico do Algarve Durante a Idade Moderna, Anais do Município de Faro, Vols. XXVII e XXVIII*. Faro, Câmara Municipal de Faro, 1998.

SILVA, Augusto Vieira da, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, Volume I, 2ª edição. Lisboa, Município de Lisboa, 1987.

VASCONCELOS, Damião, *Notícias Históricas de Tavira de 1242-1840*. Câmara Municipal de Tavira, 1989.

XAVIER, António, *Das Cercas dos Conventos Capuchos*, Évora, Centro de História da Arte da Universidade de Évora, Casa do Sul Editora, (S.D.).

6. Apêndice Documental

Na transcrição foi utilizado os critérios do *Álbum de Paleografia*:

- 1- Desenvolveram-se abreviaturas;
- 2- Conservaram-se as formas originais de maiúsculas e minúsculas;
- 3- Mantiveram-se as formas originais das letras, u, v, i, j, etc.;
- 4- Conservaram-se os numerais nas formas de origem;
- 5- Respeitou-se a ortografia e os modos de expressão da época;
- 6- Utilizou-se os parêntesis retos para tudo o que foi interpretado, a palavra [sic] a seguir aos erros do próprio texto e a interrogação quando as palavras sugerem dúvidas.
- 7- Utilizou-se uma / para mudança de linha e // para mudança de página.

Doc 1: CASTRO, João Bautista, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, Tomo Segundo, Parte III e IV, segunda edição. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXIII, p. 116.

**Mappa de Portugal
Província da Piedade**

N. Senhora da Piedade.	Villa Viçofa	1500
2 Fundação.	Ibid.	1547
3 Fundação.	Ibid.	1606
N. S. da Confolação.	Termo de Borba.	1505
2 Fundação.	Ibid.	1548
3 Fundação.	Ibid.	...
S. Francisco.	Elvas.	1518
2 Fundação.	Ibid.	1591
Santo Antonio.	Portalegre	1522
2 Fundação.	Ibid.	1570
Santo Antonio.	Alter do Chão.	1595
Santo Antonio.	Fronteira.	1613
Santo Antonio.	Eftremoz.	1637
2 Fundação.	Ibid	1662
Santo Antonio.	Redondo.	1605
Santo Antonio.	Evora.	1576
Bom Jesus de Valverde.	Legua e meya de Evora.	1544
S. Francisco.	Portel.	1547
Santo Antonio.	Junto de Moura.	1684
N. S. da Affumpção.	Junto da Vidigueira.	1545
Santo Antonio.	Béja.	1609
Santo Antonio da Efperança.	Tavira.	1612
Santo Antonio.	Faro.	1620

Santo Antonio.	Loulé.	1546
2 Fundação.	Ibid.	1675
N.S. da Esperança.	Vila Nova de Portimão.	1530
S. Francisco.	Lagos.	1518
2 Fundação.	Ibd.	1560
S. Vicente.	Cabo de São Vicente.	1516
Hospício.	Lisboa.	1640

Doc. 2: Biblioteca de Évora, Cod. Manizola, Cól. 481, AAVV, Livro em que estão os Provinciais que tem toda esta provincia e que vai tendo, 1780.

Identificação da encomenda e periodização dos retábulos do convento de Évora.

73. O Sr. Fr. Miguel de Souzel foi eleito em sete de setem/bro de 1743. Em seu tempo se/ acabou de reedificar o N[osso] convento de Lagos/ fez se a capela mor/ e tribuna do convento de Évora/ edificou se o Dormitório e ou/tras officinas mais do convento de Faro aceitou se por padroei/ro do mesmo convento Bento de/ Araújo que fez as obras e deu or-/dinária. Aceitou se por irnam/ da confraternidade a Ill.m^a. e Ex.m^a/ Sr^a. Marqueza de Mora e se/ aceitou taobem do convento [?]¹⁴/ de Castro Verde que nao teve efei/to. Meteo este prelado um cur/so de Moral [?].

74. O S Fr. João de Serpa/ confesor foi eleito em 8 de ou-/tubro de 1746...

Identificação da encomenda e periodização dos retábulos da igreja do convento de Redondo e retábulo-mor do convento de Alter-do-Chão, cuja obra foi patrocinada pela Casa de Bragança.

79. O S. Fr. Manoel da Ribeira de Mira cx L.^or/ foi eleito em Ministro Pro-/vincial em 6 de Junho de/ 1760. No seu tempo foi creada para casa de Estudos de Moral o Nosso

¹⁴ Duas palavras.

Convento De S. António/ de Faro. [Passou?] a Teologia/ especulativa para o Convento De Elvas, e conservou a Filosofia/ em Évora e Estremóz; e tao/bem pos curso de Teologia em/ Beja. No tempo deste pre/lado se fez no Convento de S An/tonio do Redondo um dormi/tório c de baxo dele huma boa/ casa para se fabricarem as rou-/pas para toda a Província; mas es-/te projecto teve suas [contradições?]/ a casa ficou feita e as roupas/ e continuarao a fazer se nos com/ventos como de antes. Neste mês/mo convento do Redondo se fizerao/ os três retabolos da Igreja de pe-/dra. Taobem se fez de pedra o/ retabolo do Altar mor do convento/ de S. António de Alter que cuja obra/ [conunu?] a Serenissima Casa de Bragança com huma grata es/mola. Taobem se continuarão/ no seu tempo e por rendição/ as obras do Convento de Portimão,/ e se se[sic] fez de novo a abobada/ da igreja concorrendo para esta/ obra a Província. No convento de S./ António de Loule mando se fa/zer a capela-mor que se conserva/ [?] e árida ainda desde o terre/moto aonde taobem mandou a/sentar os três retabolos dos três altares/ e fazer alguns reparos mais. No/ conv.tº de Beja se fizerão tambe[sic]/ no seu tempo dois dormitórios,/ e por baxo refeitório e de profun-//dis. Como taobem [?] que sobe/ aos mesmos dormitórios./ Foi es-/te prelado a capitulo geral que/ se celebrou em [?] no a-/no de 1762 deixando em sua/ ausencia governando a prov.ª o S. Fr Paulo de Portalegre/ Pregrador e Difinidos; voltando/ pro capitulo geral este prela-/do e xegando a Província teve/ logo ordem da [?]¹⁵ para não receber noviços q/ taobem accoiteceo a todas as/ mais ordens religiosas deste/ reino e seus dominios por/ ocasião das guerras que houve/ entre Portugal e Inglate-/ra e Espanha e Franca/ cuja suspensão durou até/ ao anno de 1777.

Identificação da encomenda e periodização dos retábulos colaterais da igreja do convento de Alter-do-Chão.

80. *O S Fr Paulo de Por-/talegre Pregrador foi eleito em/ ministro provincial em 23/ de junho de 1764 tendo visitado// a província e presidido no capitu-/lo del Fr. Bartolomeo de/ Portalegre pregrador e cx custodio/ [?] ja atras se fez memoria: e foi ele o primeiro visitador que/ a província teve filho dela este/ prelado dito e Frei Paulo de Por-/talegre de quem vamos tratando/ foi sendo cx difinidor es-/colhido por El rei. N. Sr. [?]/ D. [?] vº p. mar á província de/ S. Miguel nas ilhas [?]/ daria diferença que é assim na/ dita*

¹⁵ Duas palavras.

província como com efeito o/ faz celebrando a capítulo. [?] se satisfez do bem/ que desempenhou a sua commissão.

No tempo deste prelado provincial se/ meteo um curso de Filosofia em/ Beja e outro em Estremoz a tempo/ o que havia mais de anno e meio que/ as ordens religiosas não aceitavão gen-/te por conta das guerras! Conservou/ a Teologia em Elvas, e veio de novo// a Teologia para Évora ficando o Mo/ral em Faro. Continuou com as/ obras de Vila Nova e dio principio á/ reedificação do claustro do convento de/ Lagos e se vai continuando. Ree-/dificou tãobém o frontispício do mês-/mo convento e mandou consertar/ o retabolo da igreja pela parte in-/terior. Deu das esmolos comuns/ da província para este convento para o de São Vi-/cente para o de Vila Nova para o de Lou-/lé e para o de Moura esmolos muito /[?]. Mandou trasladar a imagem da Sr^a da Piedade que es-/tava na portaria da Vidigueira para hu-/ma cappela nova que se fez no cor-/po da igreja. No seu tempo se/ fizerão os dois altares colaterais/ de pedraria no convento de S António de Alter e tãobem neste provinciala-/to se fez a nova Enfermaria do con-/vento de Elvas que apesar do mesmo/ prelado se não colocou nela o sa-/cramentos sendo o seu desejo que em to-/dos os conventos houvesse nos dormito-//[rios] cappelas que estivesse o [Sm^o.?]

81. O Sr. Frei Francisco de Portel caixa mor foi eleito em ministro provincial em 20 de junho de 1767 presidindo na dita eleição depois de ter visitado a província o nosso caríssimo Sr. Fr. António de Estremoz (...) filho desta província...

Doc. 3: Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/149 – C, AAVV, 013 – Registo de Documentos do Tombo de inventários de conventos no Algarve – Santo António dos Capuchos de Tavira, 1665-1868.

Contrato celebrado em fevereiro de 1781, com o instituidor privado Diogo Nunes, em que o mesmo deixa 8000 Réis para o fabrico do altar colateral do convento de Tavira.

3.0. [...] Ex^o 8000

[...] do [...] de Diogo Nunes/ [...] de quem ho altar da/ Conceição em que deixa 8000/ Reis para o fabrico do Altar e festa do dia/ da [...] e pagão os capelaios do dito/ altar quatro mil Reis cada hum por/ dia da Conceissão de N. Snr^a.

3.1. Dis o Sindico dos Religiosos de Santo Antonio desta cide [cidade] que lhes estam na pose de cobrar 8000 da mizericor/dia desta cide [cidade] que lhe deixou Diogo Nunes como/ padroeiro do Altar da Conceição da nossa igreja; e por que do/ [...] legado não tem titulo algum, pertencem [...]/ pasa portaria para Vossa lembrança.

*R. [...] Sejam servidor
pa/sar lhe a Vossa portaria para lhe/ servir de título.*

E.R.M

3.2. A cordam em junta [...] deduzem a nota de/ [...] de oito mil Reis declarado; e na quantia de/ quatro mil reis se continuará na sua cobrança pela/ posse alegada [...] de fevereiro de 1781.

3.3. Legado que deixou Diogo Nunes/ como padroeiro do Altar da/ Conceção para a misericordia/ 4000 Reis que asim diz por/ ajunta de 5 de Fevereiro de 1781.

Doc. 4: Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/506, AAVV, 018 - *Registo de Legados de Conventos no Algarve, 1793 – 1833.*

Obrigaçõ em que a Misericórdia da cidade se compromete em pagar os 8000 Réis - deixado por Diogo Nunes para feitura do retábulo de Nossa Senhora da Conceição - ao Convento dos Capuchos de Tavira

Legado 1º de 12000 R

A Misericordia desta cidade pa-/ga a este Convento em cada hu anno/ doze mil reis a saber quatro mil reis/ para a vestiaría os quais nos deixou Je-/ronimo [...] para o que temos [...] e [...] na que sahio por nos na rela-/ção e oito mil reis que nos deixou Diogo Nunes como Padroeiro que he D-Al-/tar da Conceição: quatro para a festa da- [...]; e quatro para o ornato da dita cape-/lla; os quais doze mil reis, se cobrão em/ quatro quartéis: a saber o Lº a 2 De Janeiro/ o 2º á 2 De Abril, o 3º á 2 De Julho; e o 4º/ a 2 De Outubro, N.ª Folha – 1.

Doc. 5: Arquivo Distrital de Faro, DFDFAR/490-491 [550 – 551], AAVV, 013 – Registos de Documentos do Tombo e de inventário de conventos no Algarve, 1594 – 1822.

Nomeação, realizada em 16 de agosto de 1721, de um novo administrador para a capela de Phelipe Reis e sua mulher Ignacia Medina, no convento de Faro.

Modo de [...] a capella de Phelipe Reis [Pristelo ?].

Pela facultade que me deu e á minha comunidade o capitão Phelipe/ Reis [Pristelo ?], e sua mulher Ignacia [Laes ?] Medina na instituição e que fizeram se huma Capella de que era administrador e capelão o [...] ¹⁶ já defunto, nomeamos para administrador/ e cappelão da ditta Capela o [...] ¹⁷ morador nesta cidade/ por ser hum Sacerdote secular, de boa vida e costumes e pobre/ na forma da clauzula da instituição que se lançou na [...] / em os 16 de Agosto de mil e setecentos e vinte e hu' pelo tabelião Jozeph Borges [Pachoquo ?] como consta da certi-/dão autentica que se guarda n,s, [archius ?] desta comunide. da/ qual tomei os pareceres que [...] concorrerão para esta no-/meação, que [...] por feita na forma que [...] permite/ e nos conformamos com as clauzulas da instituição da/ referida Cappella; ca [vemos ?] por expressar e declarados as que/ necessárias forem para valide. desta nomeação; e para que conste aon-/de convenha a fizemos e asinamos eu [...] ¹⁸ e celámos com o celo deste Convento de Stº. António dos Capuchos desta cidade de Faro aos trintas e tal mes de tantos.

¹⁶ Três palavras (nome próprio).

¹⁷ Três Palavras (nome próprio).

¹⁸ Quatro palavras

Última página do documento.

Modo de nomear/ para a Cappella de Phelipe Reis/ [Pristelo ?], cuja nomeação/ he do [...]/ e Comunidade.

Doc. 6: FARO, Frei João de, Fragmento Académico, *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N° P. S. Franc°.* s.l., s.n., 1721, p.14.

Esmola ofertada pelo Rei D. Pedro II para a feitura dos retábulos do convento de Vila Viçosa.

...“A Igreja tem três altares que hoje se mostram [...] or-/nados de retabulos, e pinturas ao moderno; que cujas expensas// deu grandiosa esmola os: Rey D. Pedro Segundo de saudosa memoriação/ no administrador da Sereníssima caza de Bragança. A cappella mayor/ he dedicada a N. Senhora da Piedade como se vê no quadro, que ocupa o meyo da Tribuna. Da parte do Evangelho. Tem a imagem de Nosso P. São Francisco/ e da parte da Epistola a imagem de Santo Antonio. O altar colateral/ da parte do Evangelho he dedicado a N. Sr^a. Da Conceyção Patrona de toda a or-/dem Seraphica, cuja formozza imagem está no meyo do altar collocada. O al-/tar da parte dá epistola he dedicado a São Pedro de Alcantara com cuja imagem o mesmo altar se adorna” ...

Doc. 7: FARO, Frei João de, Fragmento Académico, *Notícias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N° P. S. Franc°.* s.l., s.n., 1721, p.p. 16-17.

Identificação e descrição dos retábulos do convento de Borba.

...“Não consta quando se desse principio a esta obra nem/ tão bem quem concorresse com as esmolas, o subsidio que ella, [...] suppoense se a/ Serenissima Casa de

Bragança, que sempre em coizas semelhantes foy a que abrio/ sua mão liberal e generosa o que se [colhe?] dos que fica referido sem menor violência.//

Com a forma desta mesma reforma se acha hoje em dia este/ Convento, não grande porque reformado, sim grandioso pella mão do empe-/nho, e pelo aprazível do sitio, [...] que no inverno hus tanto descabido/ por húmido.

A invocação da Igreja he a mesma que já deixo referida. Fez/ esta Igreja três altares recentemente ornados. Na cappella mayor há três/ Imagens. No alto do retabolo está as imagens da Sr^a. Da Consolação; ou/ dos Prazeres, que dá invocação a Igreja, e Convento, como tenho ditto; está em seu nicho cercada de huo resplendor bem figurado: a parte do evang. Está/ as images de N.P.São Francisco, a parte da Epistola a imagem de Santo António/ o altar da parte do Evangelho he dedicado a Senhora da Piedade e o altar da parte/ da Epistola N. Senhora da Encarnação, em cada hu dos quais se ve/ as mesmas pinturas em seus quadros. No altar da Sr^a. Da Piedade estão três imagens de Jesuz, Maria Joze, que em outro tempo estiveras/ em hua hermida no bosque, e já hoje primorozam renovadas são doce [...] da devoção, e vista.

7. Apêndice Fotográfico

Índice das Figuras

Figuras 1, 2, 3 e 4: Pormenores dos retábulos do Convento de Vila Viçosa e do Oratório da Sacristia.....	105
Figuras 5 e 6 Retábulos em Terracota e Argamassa do Convento de Vila Viçosa.....	106
Figuras 7, 8 e 9: Pormenores dos Retábulos do Convento de Borba.....	107
Figuras 10, 11, 12 e 13: Pormenores dos Retábulos do Convento de Évora.....	108
Figuras 14, 15, 16, 17, 18 e 19: Pormenores dos Retábulos de Alter-do-Chão.....	109
Figuras 20, 21 e 22: Pormenores dos Retábulos do Convento de Redondo.....	110
Figura 23 e 24: Retábulo do Convento. de Redondo e Retábulo do Convento de Elvas.....	111
Figuras 25, 26, 27 e 28: Pormenores dos Retábulos do Convento de Faro.....	112
Figuras 29, 30, 31, 32 e 33: Pormenores dos retábulos do Convento de Tavira.....	113
Figuras 34 e 35: Retábulo-Mor do Mosteiro de Santo Agostinho em Vila Viçosa e Retábulo-Mor do Convento de Alter-do-Chão.....	114
Figuras 36 e 37: Retábulo da Ermida de São Bento em Vila Viçosa e Retábulo do Convento de Alter-do-Chão.....	115
Figuras 38 e 39: Retábulo-Mor da Igreja do Antigo Colégio de Santiago em Elvas e Retábulo-Mor Convento de Vila Viçosa.....	116
Figuras 40 e 41: Retábulo da Igreja do Antigo Colégio de Nossa Senhora do Purificação em Évora e Retábulo-Mor do Convento de Évora.....	117
Figuras 42 e 43: Retábulo da Ermida de Nossa Senhora da Conceição das Portas em Loulé e Retábulo-Mor do Convento de Tavira.....	118
Figura 44: Oratório da Sacristia do Convento de Redondo.....	119
Figuras 45 e 46: Retábulos do Convento de Portel e Oratório da Sacristia do Convento de Borba.....	120
Figuras 47 e 48: Palácio do Duque de Cadaval – Hospício Capucho de Lisboa.....	121

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Vila Viçosa denunciando a sua conjuntura:



Barroco Pleno



Figura 1,2 e 3: Ariadne Pignaton – Outubro 2013

Pormenor do oratório da sacristia da igreja do convento de Vila Viçosa denunciando a sua conjuntura:



Protobarroco

Figura 4: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Retábulos em terracota e argamassa localizados no claustro do convento de Vila Viçosa



Figuras 5 e 6: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Borba denunciando a sua conjuntura:



Retábulo-Mor - Barroco Pleno



Retábulos Colaterais



**Coluna protobarroco.
Moldura do nicho rococó,
resultado de uma intervenção
posterior.**

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Évora denunciando a sua conjuntura:

Rococó



Figuras: 10, 11, 12 e 13: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Alter do Chão denunciando a sua conjuntura:

Rococó



Figuras: 14, 15, 16, 17, 18 e 19: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

**Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Redondo denunciando a sua
conjuntura:
Rococó**



Figuras: 20, 21 e 22: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Retábulo do convento de Redondo - Revivalismo



Figura 23: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Retábulo em terracota e argamassa localizado no claustro do convento de Elvas



Figura 24: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Faro denunciando a sua conjuntura:



Retábulo-Mor - Barroco Pleno



Arco triunfal retabular - Barroco Final



Figuras: 25, 26, 27 e 28: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Pormenores dos retábulos da igreja do convento de Tavira denunciando a sua conjuntura:



Retábulo-Mor - Rococó



Retábulos Colaterais Tardobarroco



Figuras: 29, 30, 31, 32 e 33: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Retábulo-Mor do Mosteiro de Santo Agostinho (Panteão Régio da Casa de Bragança) e Retábulo-Mor do Convento de Alter do Chão



Figura 34: SIPA



Figura.35: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Retábulo da Ermida de São Bento em Vila Viçosa e Retábulo do Convento de Alter do Chão



Figura 36: SIPA e Figura 37: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

**Retábulo-Mor da Igreja do Antigo Colégio de Santiago em Elvas e Retábulo-Mor
do Convento de Vila Viçosa**

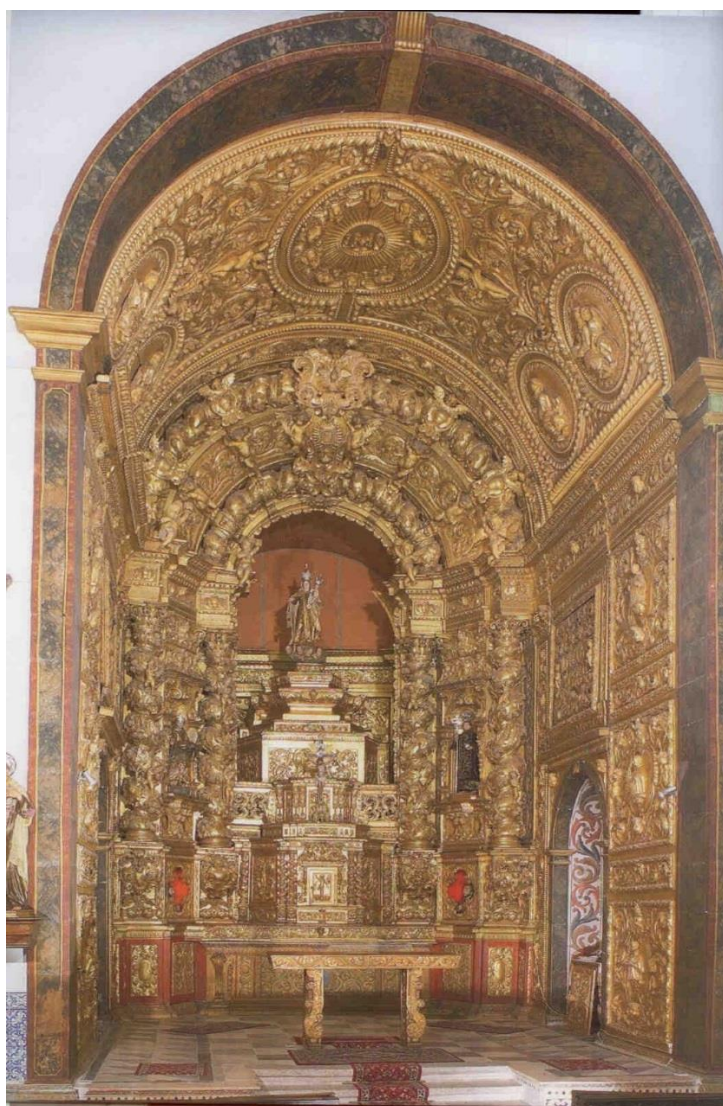


Figura 38: Hélio Ramos



Figura 39: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

**Retábulo da Igreja do Antigo Colégio de Nossa Senhora da Purificação em Évora e
Retábulo-Mor do Convento de Évora**

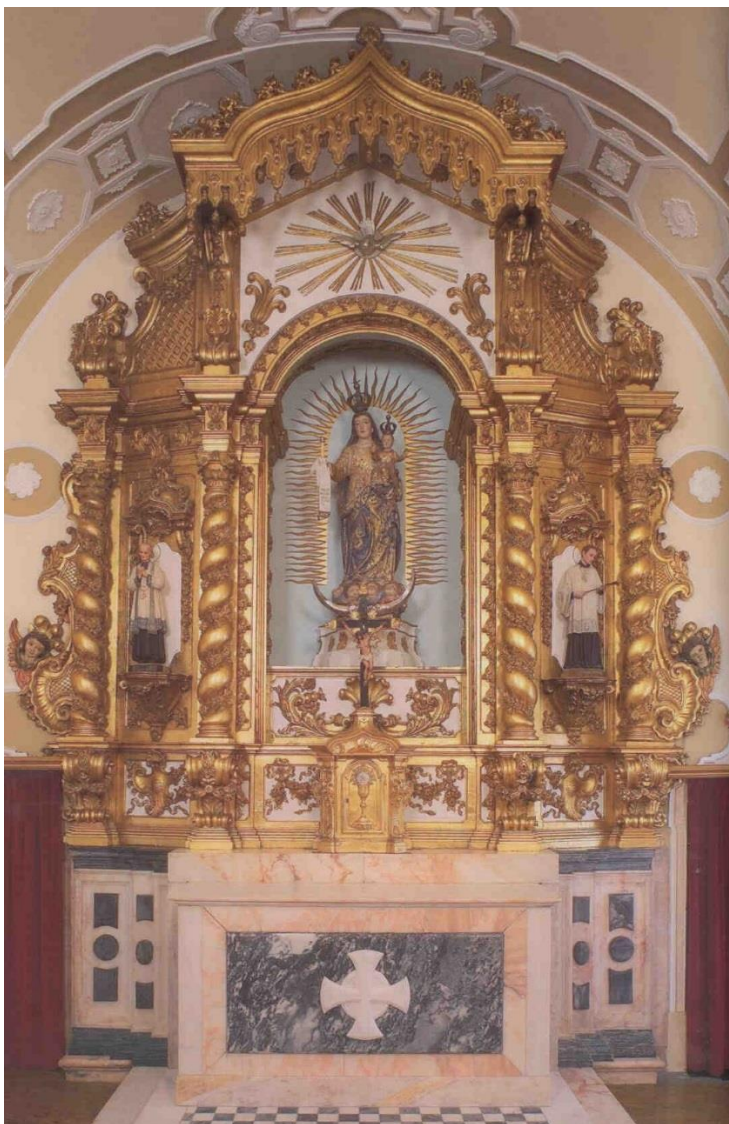


Figura 40: Hélio Ramos

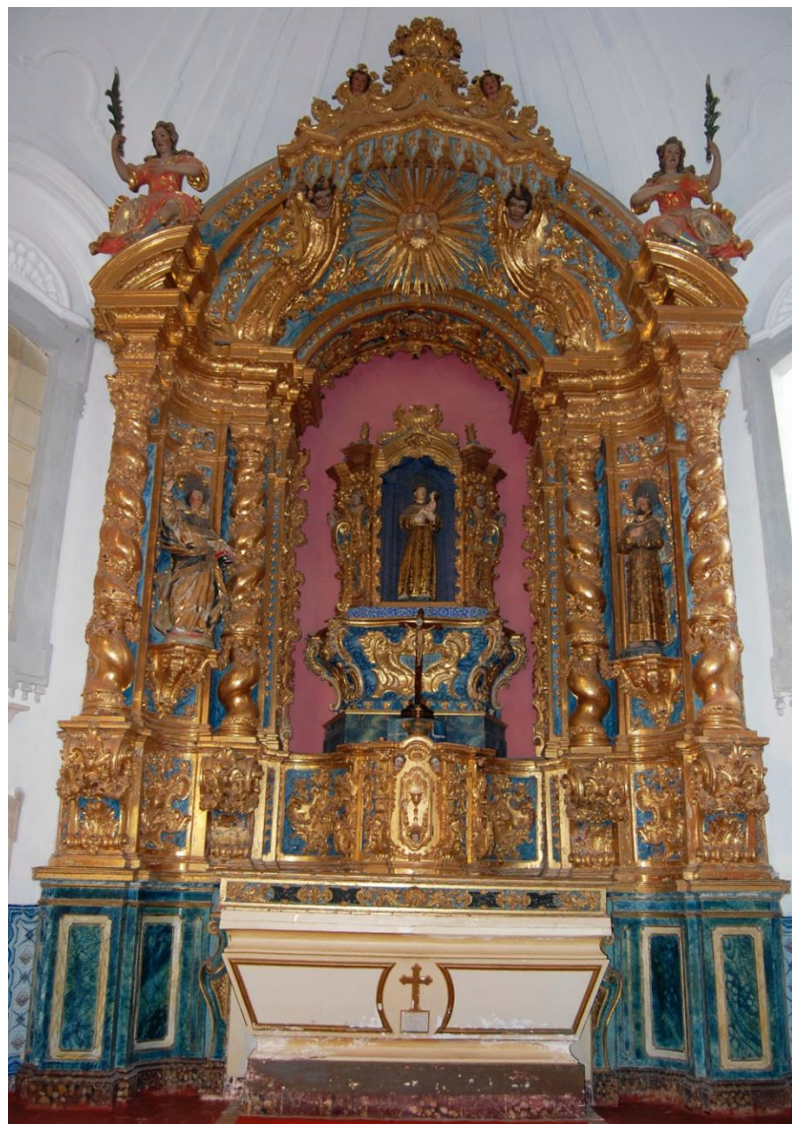


Figura 41: Ariadne Pignaton – Outubro/2003

**Retábulo da Ermida de Nossa Senhora da Conceição das Portas em Loulé e
Retábulo-Mor do Convento de Tavira**



Figura 42: Hélio Ramos



Figura 43: Ariadne Pignaton – Outubro/2013

Registo Fotográfico de Alguns Oratórios e Retábulos que Desapareceram

Oratório da Sacristia do Convento de Santo António de Redondo



Figura 44: Víctor Medinas - 1994

Retábulos do Convento de São Francisco de Portel



Figura 45: Autor Desconhecido¹⁹

Oratório da Sacristia do Convento de Borba

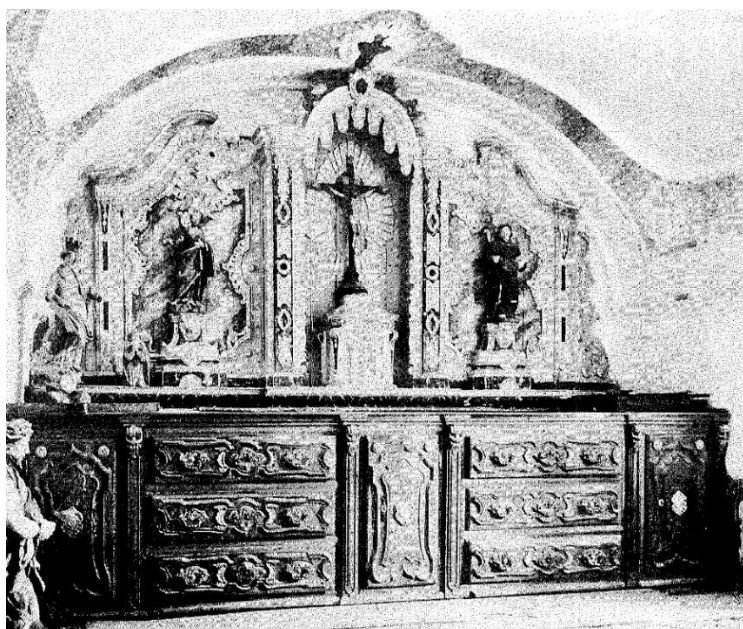


Figura 46: Autor Desconhecido²⁰

¹⁹ José Pombinho, *O Convento dos Capuchos de Portel e Outras Notícias da Vila*. Évora, Minerva Comercial, 1959.

²⁰ Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora*, Vol. IX. Lisboa, Edição Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p.167.

Palácio do Duque de Cadaval - Hospício Capucho de Lisboa

Demolido em 1880 para construção da estação do Rossio.



Figura 47: (AML/NF): http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/noticias/Documents/rossio_0_out_2012.pdf



Figura 48: <httpgeo.cm->

lisboa.pt/fileadmin/GEOLivro_do_mes/Vieira_da_SilvaCerca_FernandinaAU30_P1_113-152.pdf